



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Camila Lima Zapelini

**IDENTIDADE ÉTNICA ALEMÃ NO SUL DO BRASIL NO ANUÁRIO KOSERITZ
DEUTSCHER VOLKSKALENDER FÜR BRASILIEN (1934-1938)**

Porto Alegre
2015

Camila Lima Zapelini

**IDENTIDADE ÉTNICA ALEMÃ NO SUL DO BRASIL NO ANUÁRIO KOSERITZ
DEUTSCHER VOLKSKALENDER FÜR BRASILIEN (1934-1938)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Alessandro Mário Kerber

Porto Alegre
2015

Aos meus irmãos, melhores presentes que a vida me deu: Pedro, Lia e Vítor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente aos meus pais e ao Jorge, os quais sempre me apoiaram e me deixaram livre para que eu fizesse minhas próprias escolhas. O amor, o carinho e seus ensinamentos foram fundamentais para que eu sempre pudesse seguir a diante com meus sonhos.

Faço também um agradecimento muito especial aos meus avós, Maria, Amélia e Eugênio, que sempre foram muito presentes na minha vida. Desde pequena, me ensinaram, motivaram e me apoiaram, sempre com muito amor e mimo.

À minha segunda família, Lore e Arnold, por terem me proporcionado muitos momentos especiais na Alemanha, despertando em mim o desejo de aprender cada vez mais sobre a história e a cultura alemã.

Ao João, companheiro querido, que esteve ao meu lado durante toda a graduação, sempre me apoiando, dividindo experiências, compartilhando escritas e leituras.

Aos meus amigos fiéis, por sempre estarem dispostos a me ouvir e pelas palavras de conforto nas horas difíceis.

Agradeço também ao meu orientador, pela ajuda na construção deste trabalho.

À UFRGS, por todo o conhecimento adquirido ao longo destes cinco anos, pelas experiências de pesquisa e de trabalho.

À professora Carla Meinerz, pelos anos em que fui sua bolsista de iniciação científica e por me possibilitar importantes aprendizados.

RESUMO

A construção de uma identidade étnica nas colônias de imigração alemã no sul do Brasil está relacionada com as ações realizadas pelo governo brasileiro ainda no Império. Os imigrantes alemães e seus descendentes possuíam algumas necessidades que não foram atendidas pelo poder público brasileiro. Dessa maneira, os colonos alemães criam suas próprias escolas, igrejas e associações de ajuda, locais nos quais foi construída e cultivada essa distinção étnica. Um dos meios através dos quais esses alemães e seus descendentes construíram sua identidade no Brasil foi através de publicações em língua alemã. Propõe-se na presente escrita fazer uma análise de um anuário em língua alemã, o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, editado na cidade de Porto Alegre. Busca-se compreender como a identidade étnica alemã foi representada nessa fonte da imprensa, a qual pode ser entendida como uma das de maior circulação entre os alemães do sul do Brasil no período estudado. Justifica-se a escolha pelas edições da década de 1930 (1934 – 1938), pelo fato desse período ter marcado o início das ações realizadas pelo governo brasileiro, contrárias à manutenção dessa distinção étnica, as quais deram origem ao que foi conhecido como Campanha da Nacionalização. Foram analisados apenas os textos que se distinguiam por tratar de temas históricos, tendo em vista que outros textos, como os literários, por exemplo, já foram tema de pesquisa de diferentes trabalhos acadêmicos. A discussão acerca da presença destes imigrantes no Brasil e a construção de uma identidade étnica própria dos alemães do sul do país, geraram intensas discussões ainda no século XIX. Desde esse período, os alemães são acusados de não integração à sociedade e à cultura brasileira. No entanto, foi somente durante o Estado Novo que a identidade própria dos alemães no sul do Brasil passou a ser encarada, de fato, como um “problema” que devia ser resolvido através das ações do Estado. Nesse período, o governo colocou em prática a Campanha de Nacionalização, a qual objetivava construir uma identidade nacional brasileira homogênea, evitando a permanência de grupos que pudessem causar resistências por se distinguir pela questão étnica. Através desta Campanha, o Estado formalizou uma série de ações repressivas contra imigrantes e seus descendentes. Durante esse período, escolas étnicas, igrejas e associações alemãs foram fechadas, bem como jornais e revistas em língua alemã foram proibidos de circular pelo Brasil. Foi nesse contexto de repressão que o anuário analisado nesse trabalho encerrou suas atividades.

Palavras-chave: **Identidade étnica. Imigração alemã. Anuário. Campanha de nacionalização.**

ABSTRACT

The origins of an ethnical identity among the German immigration colonies in the south of Brazil it is directly related to the way it was organized by the Brazilian authorities during the imperial times. The German settlers and their descendants had demands that were not fulfilled by the Brazilian government. Therefore, German settlers created their own schools, churches and aid associations. Settlers also formalized their identity through publications written in German language. This research aims to analyzed the German language yearbook, *Koseritz Deutscher Volkskalender fur Brasilien*, edited in the city of Porto Alegre. This paper intend to understand how the German ethnic identity is represented through this font. For this research, only editions from the 1930 (1934-1938) decade were selected. This is due to the fact that a strong debate concerning notions of ethnicity and identity occurred in this period. Moreover, only the historical sections of the yearbook were analyzed, concerning that other sections were already studied by academic researches from different fields. The discussion towards the presence of this settlers in Brazil and the nurture of a specific ethnicity identity among them generated vivid discussions during the nineteen century. Since this period, Germans settlers were accuse for not integrate the brazilian society. However, it was only under the “Estado Novo” that this identity was faced as problem wich had to be solved by the authorities. In that time, the government introduced a nationalization campaign that aimed to endorse one brazilian identity and settle any question related to immigration. Through this campaign, the state formalized a series of repressive actions in opposition to immigrants and their descendants, specially Germans. So, ethnic schools, churches ans german associations were banned, just as newspapers written in german language. The yearbook ended its activities during this context.

Keywords: **Ethnic identity. German immigration. Yearbook. Nacionalization campaign**

ZUSAMMENFASSUNG

Die Schaffung einer ethnischen Identität in den Kolonien der Deutschen Einwanderer im Südbrasilien ist direkt damit verbunden wie die Einwanderung von der brasilianischen Regierung noch im Kaiserreich organisiert wurde. Die deutschen Einwanderer und ihre Nachkommen hatten einige Forderungen, die von der brasilianischen Regierung nicht erfüllt wurden. Aus diesem Grund haben die deutschen Siedler ihre eigenen Schulen, Kirchen und Verbände gegründet. Auf diese Weise haben die deutschen ihre Deutschstum bewahrt. Die deutschen Siedler haben ihre Identität durch Veröffentlichungen in der deutschen Sprache schon ab der Mitte des XIX Jahrhunderts ausgedrückt. Die vorliegende Arbeit beschäftigt sich mit einer Analyse eines Jahrbuchs in deutscher Sprache, dem *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, herausgegeben in der Stadt Porto Alegre. Sie versucht zu verstehen und aufzuzeigen wie die Deutsche ethnische Identität in dieser Pressequelle vertreten ist, die als eine der beliebtesten bei den Deutschen in jener Zeit verstanden werden kann. Die Wahl der Editionen des Jahrzehnts ab 1930 (1934 - 1938) erscheint gerechtfertigt, durch die Tatsache, dass diese Periode durch eine starke Debatte bezüglich der Vorstellungen von Ethnischer Abstammung und Identität geprägt war. Nur die historischen Teile des Jahrbuchs wurden analysiert, da die anderen Sektionen, wie zum Beispiel, die Literarische, bereits Thema anderer Untersuchungen bezüglich der Einwanderer in Brasilien und der Schaffung ihrer eigenen ethnischen Identität zu erforschen waren. Die Diskussion über die Anwesenheit dieser Einwanderer in Brasilien und die Entstehung einer eigenen ethnischen Identität der Deutschen im Süden Brasiliens, generierten intensive Diskussionen bereits im neunzehnten Jahrhundert. Seit dieser Zeit wurde den Deutschen immer wieder die mangelnde Integration in die Gesellschaft und die brasilianische Kultur vorgeworfen. Allerdings wurde während des "Neuen Staates", die Identität der Deutschen im Süden Brasiliens als ein "Problem" zu sehen begonnen das durch staatliche Maßnahmen gelöst werden sollte. Während dieser Zeit hat die Regierung eine Verstaatlichungs-Kampagne, die auf eine Verstärkung der nationalen brasilianischen Identität abzielte und die Lösung der Probleme im Zusammenhang mit der Einwanderung bringen sollte, durchgeführt. Durch diese Kampagne, formalisiert der Staat eine Reihe von repressiven Maßnahmen gegen Einwanderer und ihre Nachkommen, vor allem die Deutschen. Während dieser Zeit wurden ethnische Schulen, Kirchen und deutsche Verbände geschlossen, sowie Zeitungen und Zeitschriften in deutscher Sprache in Brasilien verboten. In diesem Zusammenhang der Repression, hat auch das in dieser Arbeit analysierte Jahrbuch seinen Aktivitäten eingestellt.

Schlüsselbegriffe: **Ethnische Identität. Deutsche Einwanderung. Kalender. Nationalisierungskampagne.**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 OS ALEMÃES, SEUS DESCENDENTES E IDENTIDADE ÉTNICA NOS ANOS 1930	18
2.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA.....	18
2.2 O PERIGO ALEMÃO E AS AÇÕES REPRESSIVAS DO ESTADO VARGUISTA.....	27
3 A IMPRENSA COMO LUGAR DE CONSTRUÇÃO E DIVULGAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA ALEMÃ	33
3.1 ANUÁRIOS: O GÊNERO DE IMPRENSA MAIS POPULAR ENTRE OS ALEMÃES NO BRASIL.....	33
3.2 REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA ALEMÃ NO KOSERITZ DEUTSCHER VOLKSKALENDER FÜR BRASILIEN (1934-1938).....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como intenção realizar uma análise sobre a construção de uma identidade alemã étnica¹ no sul do Brasil a partir de um anuário em língua alemã da década de 1930, o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*. Busca também contribuir para as discussões sobre as relações entre os descendentes de imigrantes alemães no Brasil com ações realizadas pelos governos nacional e estadual na década de 1930. O anuário foi escrito por alemães e para alemães, ou seja, possuía um público-alvo bastante definido: as colônias alemãs do sul do Brasil. A análise deste anuário nos permite compreender como os imigrantes alemães e, principalmente, seus descendentes, expressavam-se sobre diversos assuntos, uma vez em que eles tinham ao mesmo tempo um caráter informativo e de entretenimento. Nesse trabalho foram analisadas apenas as edições impressas entre 1934 a 1938², partindo do pressuposto de que esse período foi marcado por mudanças nas ações do governo brasileiro para a nacionalização dos descendentes de imigrantes, as quais passaram a ter como objetivo massificar determinada versão homogênea sobre a identidade nacional brasileira e afastar um possível “perigo alemão”³. Contudo, é importante ter em mente que não foram apenas as colônias alemãs que sofreram retaliações no período estudado, mas estas são o objeto de estudo deste trabalho.

O *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* é um anuário em língua alemã editado na cidade de Porto Alegre o qual circulou inicialmente apenas no Rio Grande do Sul enquanto ainda tinha o nome *Koseritz Deutscher Volkskalender für die Provinz von Rio Grande do Sul* e nos anos finais do século XIX chegou também aos estados de Santa Catarina e Paraná. Ele tem sua primeira edição datada no ano de 1874 e foi publicado até 1939, momento em que o Brasil vivia a Campanha de Nacionalização promovida pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que proibiu o uso do idioma alemão no Brasil. Até 1890 o anuário teve a sua frente Karl von Koseritz, imigrante alemão que ocupou papel de destaque na sociedade gaúcha durante a segunda metade do século XIX. Após a sua morte em 1890 o anuário foi dirigido por Walter Kühn em parceria com a editora Krahe & Comp.

O anuário surgiu com a ideia de trazer informação e também entretenimento para os imigrantes alemães e seus descendentes, já pressupondo o “cultivo” de uma identidade distinta entre esse grupo no Brasil. Para Koseritz, as revistas, jornais e livros vindos da Alemanha já não diziam mais respeito às suas vidas. Assim, era necessário um meio de imprensa que atendesse as novas

1 Será explicado a seguir porque essa identidade alemã construída no Brasil é designada como étnica e não como nacional.

2 Na cidade de Porto Alegre, foram encontradas apenas as edições de 1934 a 1938 do *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*.

3 GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

necessidades dos colonos alemães. Sobre o nome do anuário e sua composição, ele declarou:

Não foi por arrogância e vaidade que dei meu nome para esta publicação. Eu fiz isso para deixar claro, desde o início, a tendência que ele vai assumir [...] O almanaque irá receber e levar adiante, nos próximos anos, somente trabalhos originais, trazendo relatos da vida alemã local, como matérias sobre a germanidade na província, biografia de homens que se destacaram, estudiosos destacados, ensaios, dissertações, artigos esclarecedores sobre agricultura, indústria rural, humor, interesses comunitários[...]⁴

Apesar desta declaração de Koseritz ser datada do ano de 1874, é possível afirmar que as edições que se seguiram mantiveram uma estrutura muito semelhante com a idealizada por ele, mesmo havendo uma troca na direção do anuário. Weizemann (2012, p.1.598) afirma que o anuário atingiu inicialmente 35 localidades espalhadas pelas áreas rurais e urbanas no sul do Brasil, as quais eram listadas nas páginas finais de cada publicação. Em um primeiro momento os anuários eram encomendados pelos leitores e mais tarde eram retirados. Anos mais tarde houve uma expansão em relação ao número de localidades em que o anuário chegou. Sobre a composição física do *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, o autor os compara a um livro, uma vez em que o anuário era conhecido popularmente como o “livro da família”⁵. Cada edição contava com aproximadamente 220 páginas, havendo entre elas poemas, propagandas, informações ligadas à área de agricultura, relatos de viagem e seções de caráter histórico.

Tendo em vista que o presente trabalho tem como objeto central da pesquisa uma fonte da imprensa, é essencial realizar uma discussão acerca dos cuidados que o historiador deve ter ao empregar esse tipo de fonte em sua pesquisa. Maria Helena Rolim Capelato (1988) argumenta que a imprensa pode se constituir em uma interessante fonte para a pesquisa histórica, desde que seja analisada e interpretada com um olhar muito atento do historiador. De acordo com a autora, para compreender a participação de um veículo de imprensa na história, o pesquisador deve fazer alguns questionamentos sobre a fonte:

quem são seus proprietários? a quem se dirige? Com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mente? Com esses dados preliminares é possível delinear um perfil provisório do periódico eleito como objeto/ fonte de pesquisa. O primeiro levantamento fornece pistas para definir os caminhos a serem investigados.⁶

O Kosertiz Volkskalender für Brasilien no período analisado (1934 – 1938) era de propriedade de R. Krahe, o qual assinava diferentes matérias do anuário. Krahe era um comerciante, o qual não

4 KOSERITZ, 1874 apud WEIZENMANN, Tiago. **O almanaque Koseritz Deutscher Volkskalender no contexto da imprensa do século XIX (1874 – 1890)**. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz, ARENDT, Isabel Cristina, Witt, Marcos Antônio. **A história da imigração e sua (s) escrita (s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 1596

5 WEIZENMANN, Tiago. **O almanaque Koseritz Deutscher Volkskalender no contexto da imprensa do século XIX (1874 – 1890)**. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz, ARENDT, Isabel Cristina, Witt, Marcos Antônio. **A história da imigração e sua (s) escrita (s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012, p. 1596.

6 CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988, p.14.

ocupou um papel tão proeminente na sociedade gaúcha como seu antecessor, Karl von Koseritz. O anuário sempre foi destinado aos alemães, tendo como objetivo levar informação e entretenimento a estes e seus descendentes na língua sua língua mãe. Os editores mantiveram a escrita gótica em todas as publicações desde sua primeira edição em 1874 até a última em 1939, e a língua alemã utilizada sempre foi a oficial, o *Hochdeutsch*. Weizemann (2012, p.1.600) argumenta que a opção pela escrita gótica se dava pelo fato de que esta possibilitava colocar um maior número de letras em cada página, mas o gótico também representava um elemento importante de forte tradição para os leitores, tendo em vista que esse estilo de escrita foi o mais difundido nas colônias alemãs no sul do Brasil. O autor argumenta: “tratava-se de estabelecer e reforçar o vínculo cultural por meio da tipografia gótica, que naquele momento se constituía como um padrão simbólico e de reconhecimento social e cultural aos leitores do almanaque de língua alemã”.⁷ Dessa maneira, entende-se que essa característica que em um primeiro momento parece apenas uma questão de estética, revela-se na verdade uma representação de identidade⁸.

Até os dias de hoje as análises deste anuário foram feitas quase que exclusivamente por pesquisadores ligados ao campo da literatura, onde examinaram essencialmente os poemas ou contos que o compõem, buscando compreender o surgimento de uma literatura teuto-brasileira. Nesse sentido, pode-se citar o trabalho de Valburga Huber, intitulado *A literatura alemã e a imagem do Brasil*. A autora analisa nesse estudo a primeira geração de escritores imigrantes alemães. Huber examina algumas narrativas de Koseritz, das quais algumas delas foram publicadas no seu próprio anuário – *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*. O trabalho de Walter Koch, *O Brasil, sua terra e sua gente nos contos do Koseritz Volkskalender für die Provinz von Rio Grande do Sul (1870-1890)* busca compreender como a sociedade brasileira é retratada na literatura de língua alemã, a qual está representada em alguns poemas do anuário. Outra perspectiva de análise que envolve o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* é a que compreende seu primeiro editor, Karl von Koseritz, enquanto um grande intelectual que tinha suas ideias e propostas divulgadas através dos jornais e dos anuários (Kalender). Ingart Grützmann Bonow, em seu trabalho *Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XX: o caso de Karl von Koseritz (1830 – 1890)* argumenta que a produção intelectual de Koseritz foi muito significativa por ter sido para muitos imigrantes alemães e seus descendentes um dos primeiros contatos com a apreensão e compreensão da realidade através da leitura. Existem também muitos trabalhos que citam o anuário de Koseritz para falar do contexto da imprensa gaúcha do século XIX. Nesse sentido, insere-se o trabalho de

7 WEIZENMANN, Tiago. **O almanaque Koseritz Deutscher Volkskalender no contexto da imprensa do século XIX (1874 – 1890)**. In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz, ARENDT, Isabel Cristina, Witt, Marcos Antônio. **A história da imigração e sua (s) escrita (s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012, p.1601.

8 Os conceitos de identidade e representação são fundamentais para essa pesquisa e serão explicados ao longo do presente trabalho.

Tiago Weizemann intitulado *O Almanque Koseritz Volkskalender no contexto da imprensa do século XIX (1874-1890)*. Nessa escrita, o autor busca analisar o anuário durante o período em que este esteve exclusivamente sob a edição de Karl von Koseritz, discutindo a atuação deste na sociedade da época e sua importância para o desenvolvimento da imprensa do Rio Grande do Sul no final do século XIX.

Dessa maneira, pode-se afirmar que o anuário já motivou diversos trabalhos acadêmicos ligados ao campo da literatura, porém, poucos no campo da história. Todavia, os trabalhos de cunho histórico que analisaram o anuário investigaram essencialmente as edições do final do século XIX, buscando sempre destacar a atuação de Koseritz. Os textos de caráter histórico do *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* durante a década da nacionalização no Brasil ainda não foram objeto de estudo por historiadores, o que demonstra o ineditismo dessa pesquisa. O presente trabalho tem como intenção analisar estes textos com um olhar específico: compreender como a identidade alemã foi representada neste anuário durante a década de 1930.

A identidade étnica alemã no sul do Brasil é um tema já bastante estudado, todavia, poucos trabalhos utilizaram como fonte de estudo publicações em língua alemã. O presente trabalho se apropria, no campo teórico, das escritas de Philippe Poutignat, Roger Chartier e Bourdieu para compreensão de conceitos como identidade étnica e representação. No que tange à identidade construída pelos alemães no sul do Brasil, destacam-se os trabalhos da antropóloga Giralda Seyferth, como por exemplo, *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica e Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: A Imigração alemã e o Estado brasileiro*, onde a antropóloga faz uma breve análise da imigração alemã no sul do Brasil e argumenta que a construção de uma identidade étnica alemã no sul do Brasil está relacionada “a uma ideia cultural de nação concebida pelo romantismo alemão e ao passado histórico da colonização”⁹. *Em Imigração e Identidade étnica: a construção do “ser alemão” no sul do Brasil*, Rosane Neumann parte do pressuposto de que construção de uma identidade étnica alemã é relacional, na medida em que esta está relacionada à afirmação de um “nós” (alemães) diante de um “outro” (brasileiros). O presente trabalho tem como intenção analisar a representação desta identidade alemã em uma fonte da imprensa que pode ser entendida como a publicação mais lida pelos imigrantes e seus descendentes no sul do Brasil.

A identidade étnica alemã construída pelos imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil está relacionada à maneira como aconteceu a imigração alemã nessa região do Brasil e como os imigrantes foram organizados no território brasileiro. Nesse sentido, é impossível discutir questões relacionadas a esta identidade sem falar sobre o processo de imigração alemã nos estados

9 SEYFERTH, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração alemã e o Estado brasileiro**. Anpocs, 2008, p.20. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm>. Acesso em: 20/06/2015.

do sul Brasil. Muitos historiadores dedicaram suas escritas à imigração alemã no sul do Brasil, mais especificamente no Rio Grande de Sul e Santa Catarina, tendo em vista que estes dois estados foram os que mais receberam imigrantes alemães ao longo do século XX.

René Gertz (2010) argumenta que a cultura historiográfica, assim como a historiografia acadêmica, quando falam a respeito da imigração alemã no estado do Rio Grande do Sul e também no restante do Brasil, analisam os efeitos desta imigração sob dois olhares bastante antagônicos. Uma perspectiva de análise dá um enfoque muito grande aos resultados socioeconômicos do processo de imigração e colonização. Outra tradição na cultura historiográfica é aquela que se concentra nos resultados político-culturais provocados pela imigração dos alemães no Brasil. Para o historiador, essa perspectiva de análise está impregnada de avaliações negativas sobre a imigração desta etnia e muitas vezes foi a responsável por produzir efeitos nocivos que mais tarde produziram consequências no que tange à configuração da nacionalidade brasileira. Nesse sentido, Gertz (2010, p.249) afirma que muitas das questões que envolvem a imigração alemã estão ligadas a uma forte opinião pública, a qual foi romantizada ao longo dos anos. Cabe ao historiador escrever uma história séria sobre a imigração alemã no Brasil através do que o autor chama de “consistente levantamento de dados”.

Segundo Seyferth (1999, p.201), as informações sobre o número de alemães que entraram no Brasil como imigrantes não são precisas. A antropóloga argumenta que os levantamentos realizados não levaram em conta o número de alemães que retornaram à Alemanha após a vinda ao Brasil. Todavia, sabe-se que numericamente a imigração alemã foi menos expressiva do que a italiana, a portuguesa, a espanhola e a japonesa no nosso país. Estima-se que entraram no Brasil aproximadamente 235 mil imigrantes oriundos de diferentes regiões da Alemanha. A chegada de imigrantes alemães no Brasil caracterizou-se por entradas constantes no período entre 1850 e 1920. Durante a década de 1920, contudo, houve um aumento expressivo nas entradas de imigrantes no Brasil, tendo em vista o difícil momento vivido pela Alemanha no pós-guerra mundial.

Seyferth (2008, p.2-6) analisa também como o governo brasileiro organizou geograficamente os imigrantes. A autora afirma que uma característica peculiar dessa imigração foi o fato de ter se concentrado em poucas regiões, o que gerou em alguns casos a formação do que ela define como “colônias etnicamente homogêneas”, que passaram a ser vistas com desconfiança pela comunidade brasileira. Essa maneira como os alemães foram organizados foi alvo de críticas já no início do período republicano e ganhou força na década de 1930. Acreditava-se que esse assentamento dos imigrantes nestas colônias provocava um isolamento e enquistamento. A autora, porém, argumenta que estas afirmações relacionadas à homogeneidade e isolamento dos colonos alemães devem ser relativizadas. René Gertz (1991), assim como Seyferth (2008), critica essa ideia

de isolamento cultural e de homogeneidade nas colônias alemãs partindo do pressuposto de que nem todos os imigrantes ocupavam a mesma posição nestas comunidades: haviam colonos, mas também comerciantes e pessoas ligadas à indústria, por exemplo.

Jean Roche, em *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul* se preocupa em explicar a relação dos governos a nível federal e estadual com a questão da imigração, além de expor os impactos da imigração no estado analisado por ele. Já a perspectiva de análise de Jorge Cunha (2003) busca mostrar a relação entre a saída dos alemães do seu país de origem e as autoridades competentes alemãs. Normalmente as linhas de pesquisa que estudam a imigração alemã no Brasil discutem apenas as motivações do governo brasileiro ao incentivar a vinda dos alemães. Em *A Alemanha e seus migrantes*, Cunha busca esclarecer como as questões voltadas à política migratória evoluíram na Alemanha e quais foram as razões que motivaram as autoridades alemãs apoiar a migração para o Brasil. Nesse sentido, o autor afirma:

pretende-se examinar, a partir de documentação inédita, o crescente interesse dos Estados alemães antes da unificação, em 1871, e do Império Alemão, até 1914, sobre as populações emigradas que se instalaram no Sul do Brasil desde 1824. Este interesse centra-se nestas populações porque elas preservaram seu idioma em variedades dialetais, e, através dele, a originalidade de sua cultura natal.¹⁰

Como já destacou Werle (2011), a imigração alemã no sul do Brasil despertou o interesse de muitos estudiosos e seus trabalhos apresentam diferentes enfoques. Nesse sentido, a historiadora afirma: “o tema da imigração alemã foi objeto de diversos estudos que abordam desde a sua chegada ao sul do Brasil até as maneiras como se estabeleceram e construíram uma identidade étnica teuto-brasileira”.¹¹ Dessa maneira, um breve estudo direcionado a essa questão é necessário para um trabalho que tem como tema a identidade étnica alemã nessa região do país.

No que tange à importância dos anuários nas regiões de colonização, Sérgio Roberto Dilenburg afirma em sua escrita sobre a imprensa em Porto Alegre: “juntamente com a bíblia, o anuário se constituiu numa publicação quase que obrigatória para os imigrantes alemães de outrora”¹². No artigo intitulado *A História da Imprensa teuto-brasileira*, Arthur Blásio Rambo

10 CUNHA, Jorge Luiz da. *A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais*. In: CUNHA, Jorge Luiz de & Gärtner, Angelika (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem e Educação**- Santa Maria: Ed. UFSM, 2003, p.17.

11 WERLE, Bibiana. **A campanha de nacionalização em Estrela - RS: impactos e memórias** . Porto Alegre: UFRGS, 2011. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UFRGS, Porto Alegre, 2011, p.6. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36945/000818626.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20/06/2015.

12 DILLENBURG, Sergio Roberto. **A imprensa em Porto Alegre de 1875 a 1870**. Porto Alegre, Sulina/ ARI, 1987, p.42.

argumenta que os anuários se constituíram no meio de informação mais importante para os alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul. O autor cita uma publicação do *Hundert Jahre Deutschtum* do ano de 1924 a qual faz a seguinte observação sobre esse gênero da imprensa:

O gênero de imprensa mais cultivado aqui é o dos almanaques (Kalender). Apesar de tudo, todo colono mesmo que more na picada mais afastada na mata virgem, embora nunca leia um livro, talvez nem assine um jornal em companhia com um outro, por um hábito que lhe vem de longe, compra um almanaque a fim de se manter a par do calendário de festas, das fases da lua e outros assuntos [...] A literatura de almanaque pode ser considerada, com toda razão, o gênero mais adequado para, nas circunstâncias daqui, isto é, garantir a informação e formação do povo.¹³

Nesse sentido, é importante reafirmar que os *Kalender* (almanaques/anuários) representaram durante o fim do século XIX e início do século XX os veículos de comunicação de língua alemã mais populares que circularam pelo Brasil. Como dito anteriormente, o anuário foi idealizado e dirigido por Koseritz ainda em 1874, contudo, com sua morte em 1890, ele passou a ter um novo diretor. Percebe-se que todos os trabalhos que buscaram analisar o anuário focaram-se essencialmente na figura de seu editor (Koseritz), provavelmente por este ter ocupado lugar de destaque na sociedade rio-grandense do século XIX como jornalista, intelectual e também escritor.

Se por um lado há muita informação sobre Koseritz e suas motivações para publicar um anuário em língua alemã na cidade de Porto Alegre, até o momento da escrita desse trabalho não foram encontradas muitas informações sobre os sucessores de Koseritz. Todas as fontes utilizadas para essa pesquisa que fazem referência ao *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* falam exclusivamente do papel de destaque de Karl von Koseritz na sociedade rio-grandense do século XIX e também sobre suas motivações para escrever o anuário. Arthur Basílio Rambo, em seu artigo *A História da Imprensa Teuto-Brasileira*, afirma que o que motivou Koseritz a criar um anuário em língua alemã no sul do Brasil foi o seu desejo de proporcionar uma leitura em língua alemã para os alemães e seus descendentes, a qual segundo ele, “traria características da terra e matérias publicadas inspiradas também em fatos, na história e na realidade do Rio Grande do Sul e do Brasil”¹⁴. Em contrapartida, não há trabalhos que falam sobre os editores do anuário após a morte de Koseritz. É possível afirmar, contudo, que mesmo após a morte de Koseritz e a troca de editor, o anuário manteve a proposta de seu idealizador: ser um veículo de informação e entretenimento para os alemães, em língua alemã, que buscava noticiar e informar os imigrantes e seus descendentes sobre o Brasil e sua gente.

13 RAMBO, Arthur Blásio. **Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais**. In: CUNHA, Jorge Luiz de & Gärtner, Angelika (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem e Educação**- Santa Maria: Ed. UFSM, 2003, p.71.

14 Ibidem, p.73.

Como existem mais de 60 edições do anuário e também pelo fato de cada publicação ser composta por mais de 220 páginas, optou-se por analisar apenas os textos de caráter histórico do anuário que fazem referência a eventos da década de 1930 ou ao processo de imigração alemã. Também foi necessário fazer um recorte temporal. Nesse sentido, a proposta desse trabalho é analisar exclusivamente as edições da década de 1930. Esse período foi marcado por grandes efervescências tanto no Brasil como na Alemanha. O Brasil presenciou nesse momento a ascensão de Vargas enquanto a Alemanha viveu a ascensão do Nacional-Socialismo. O uso da língua alemã pelos imigrantes alemães sempre foi alvo de críticas no Brasil, desde a política imigratória promovida nos tempos imperiais. Werle (2011, p.7) afirma que nos anos iniciais do período republicano a ideia de que as comunidades alemãs isolavam-se através de suas associações, jornais e redes de apoio passou a ganhar força através do discurso de ideologia nacionalista, cada vez mais disseminado a partir dos anos 1920, impondo-se durante a década de 1930. As forças políticas do Estado Novo acreditavam que uma campanha de nacionalização seria capaz de garantir o estabelecimento da “unidade e homogeneidade da etnia e da cultura brasileira”¹⁵. Nesse momento, os imigrantes (principalmente os alemães) foram considerados uma ameaça para a formação de uma identidade nacional brasileira.

Dessa maneira, mostra-se importante analisar como a identidade alemã está representada no *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* durante a década de 1930, período marcado pela difusão de um forte discurso de cunho nacionalista. Nesse período, muitos jornais em língua alemã deixaram de circular no Brasil. A escolha pelo *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* se deu pelo fato deste anuário ter tido uma aceitação muito grande entre as comunidades alemãs do sul do Brasil e também por esse gênero (*Kalender*) ser considerado o veículo de imprensa mais popular em língua alemã editado no Brasil.

As ideias gerais desse trabalho estão expressas nessa primeira parte introdutória, onde buscou-se delinear, inicialmente, os objetivos dessa pesquisa. Como o principal objeto de estudo do trabalho é uma fonte de imprensa, o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, foi dedicada grande parte desta introdução a uma descrição da fonte. Foi fundamental também fazer uma breve revisão historiográfica dos temas que foram abordados ao longo do trabalho, como por exemplo, a imigração alemã no sul do Brasil, a construção de uma identidade étnica alemã e questões ligadas as políticas de nacionalização do Estado Novo, as quais tiveram impacto na relação entre os imigrantes alemães e seus descendentes e o governo brasileiro durante a década de 1930.

As críticas feitas na década de 1930 por setores nacionalistas no que tange à presença alemã

15 GERTZ, René E. O perigo alemão. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991, p.7.

no sul do Brasil estão relacionadas ao processo de imigração desta etnia, o qual foi iniciado em 1824. Nesse sentido, dedicou-se a segunda parte dessa escrita a essa questão. Compreender questões relacionadas à imigração nos permitem entender a construção de um pensamento liberal entre os imigrantes, o qual foi liderado por Karl von Koseritz, um dos primeiros imigrantes que problematizou e se preocupou em construir uma identidade étnica alemã no sul do Brasil. Esta identidade foi divulgada através de publicações como o *Deutsche Zeitung* e o anuário *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*. Buscou-se também delinear um panorama do contexto da década de 1930, momento marcado por ações repressivas do Estado de Vargas. Nesse período, o governo colocou em prática uma série de medidas para nacionalizar os estrangeiros e acabar com as distinções étnicas criadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes.

Na terceira parte desse trabalho discutiu-se, inicialmente, a importância da imprensa para a construção e divulgação da identidade étnica dos alemães. Também foi discutido como os anuários em língua alemã se constituíram no gênero de imprensa mais popular entre os imigrantes alemães e seus descendentes. Em um último momento, foram analisadas os textos de caráter histórico do anuário *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* dos anos de 1934 a 1938, tendo como objetivo compreender como a identidade étnica dos alemães do sul do Brasil foi representada nessa fonte da imprensa, estabelecendo um diálogo entre a fonte e a historiografia acerca dessa temática. As reflexões geradas a partir da presente pesquisa encontram-se nas considerações finais.

2. OS ALEMÃES, SEUS DESCENDENTES E IDENTIDADE ÉTNICA NA DÉCADA DE 1930

O objetivo desse trabalho é analisar como a identidade étnica alemã está representada em uma fonte da imprensa em língua alemã durante os anos de 1934 a 1938. Para a construção de uma boa análise sobre o anuário *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* é essencial, inicialmente, uma explicação sobre a construção de uma identidade própria dos imigrantes alemães e seus descendentes. Compreende-se a identidade étnica alemã no sul do Brasil enquanto uma construção cultural, a qual foi iniciada já em 1824 com a chegada dos primeiros alemães na região sul do país e ganhou força através da vinda e fixação dos *Brummer*¹⁶, em especial, de Karl von Kosertiz no Rio Grande do Sul. É preciso ter em mente que a identidade não é uma essência, mas um discurso construído sobre um grupo, nesse caso, os alemães do sul do Brasil. Dessa maneira, aborda-se nessa escrita a construção deste discurso e as relações de poder relacionados a esta construção. Entende-se que a identidade étnica alemã foi muito contestada durante a década de 1930, nesse sentido, parte desse capítulo trata sobre questões relacionadas ao “perigo alemão” e as ações repressivas do governo brasileiro, que tiveram seu ápice durante a Campanha de Nacionalização.

2.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA

O ano de 1871 marcou o momento da unificação dos Estados Nacionais alemães que deram origem ao que hoje chamamos de Alemanha. Este processo político que teve ápice em 1871, mas que já fora iniciado anteriormente, gerou muitas transformações no Estado alemão, não apenas na esfera política, mas também na econômica e social. Uma das consequências foi a eliminação de terras que eram de uso comum das comunidades camponeses (terras comunais). No mesmo período houve também uma desarticulação do trabalho artesanal, o que provocou um conflito social muito grande. Houve um aumento no número de pessoas sem-terra e sem trabalho garantido, sendo a emigração uma das únicas soluções encontradas. A desarticulação do trabalho foi resultado do processo de industrialização durante os anos de 1860 e 1870 na Alemanha. O *Zollverein*, união alfandegária criada a partir de 1834 formou um mercado comum entre os Estados alemães e

¹⁶ Esse termo designa os cerca de 1.800 legionários alemães que foram convocados pelo Império brasileiro para lutarem no contexto da Guerra do Prata no início da década de 1850.

favoreceu o desenvolvimento industrial da região. Nesse período, houve então uma grande absorção de mão de obra para trabalhar nos setores ligados as indústrias, provocando a decadência dos artesãos.

No que tange à vinda dos alemães para o Brasil, Roche (1968) afirma que Rio grande do Sul foi o estado brasileiro que mais recebeu imigrantes alemães. Acredita-se que aproximadamente 50% das pessoas que deixavam a Alemanha com destino ao Brasil terminavam neste estado. No dia 25 de julho de 1824, instalaram-se em São Leopoldo os primeiros imigrantes, dando assim início a colonização desta etnia no sul do Brasil. Estima-se que nessa fase inicial da imigração o Brasil recebeu cerca de 6 mil alemães. Nesse sentido, Seyferth (2008) classifica o primeiro período da imigração alemã como inexpressivo. Kühn (2011) define esse período inicial da imigração como *fase de subsistência*, a qual foi marcada por muitas dificuldades. O historiador argumenta:

As dificuldades foram muitas, desde a necessidade do “pagamento da dívida colonial” até os conflitos com os índios que habitavam as terras. Além disso, o período foi marcado por conflitos militares, como a Guerra da Cisplatina e a Guerra dos Farrapos. Não bastassem esses problemas, em 1830, a lei orçamentaria do Império não previa mais recursos para a imigração, o que levou uma suspensão temporária da vinda dos colonos para o Brasil.¹⁷

Na década de 1830 a imigração foi interrompida no sul do Brasil devido à Guerra dos Farrapos, que se estendeu até 1845. A partir de 1845 a imigração alemã foi retomada por interesse do Governo Imperial. Segundo Roche (1968, p.24), o período posterior à pacificação do Rio Grande do Sul foi o mais propício à colonização. O autor afirma que para o Governo Imperial brasileiro a imigração sempre foi considerada como algo fundamental para a exploração e colonização do país. Jorge Cunha (2010, p.17) afirma que durante este mesmo período na Alemanha a questão da emigração tomou novos rumos: se durante a década de 1820 a emigração era vista como uma questão interna de responsabilidade de cada Estado, a partir de 1840 ela passou a ser encarada com novos olhos. Assim como o governo Imperial brasileiro tinha seus interesses pelos colonos alemães, a Alemanha também tinha interesse por estas pessoas que deixaram o país em busca de uma nova vida em um lugar distante. O autor argumenta que para a Alemanha era de extrema importância que os emigrantes mantivessem contato com a Pátria de origem, mesmo longe, tanto no âmbito cultural como econômico. Para Seyferth, durante o Império, o que o governo brasileiro pretendia com a vinda dos alemães era “instalar no país agricultores livres, "civilizados", em regiões não ocupadas pela grande propriedade, sob controle do Estado”¹⁸, os quais seriam responsáveis por desenvolver regiões como o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e partes do Paraná. Se para o Brasil a vinda dos

¹⁷ Ibidem, p.86.

¹⁸ SEYFERTH, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração alemã e o Estado brasileiro**, Anpocs, 2008, p.1. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm> Acesso em 20/06/2015.

imigrantes alemães possibilitaria um desenvolvimento da agricultura e a ocupação de terras devolutas por brancos, para o governo alemão a vinda de imigrantes para o Brasil também deveria trazer bons frutos. Nesse sentido, Cunha argumenta:

A organização e coordenação da emigração passou a ser encarada como um dos fatores cruciais do desenvolvimento de uma política econômica na Alemanha. Os emigrados alemães deveriam garantir, no estrangeiro, a formação de um mercado consumidor para a Alemanha [...] As ligações culturais deveriam ser fortalecidas através de estreitas ligações econômicas, garantindo entre os alemães emigrados, a preservação da língua, e através dela, a cultura alemã.¹⁹

Se inicialmente a colonização do Brasil foi resultado de um movimento migratório espontâneo, a imigração alemã para o Brasil tornou-se uma política organizada do Governo Imperial. Roche (1968, p.98) argumenta que a distância física que separava o Brasil da Alemanha também afastava as possibilidades de migração para um alemão vir para o Brasil. A viagem era muito longa e o preço da travessia muito elevado. Dessa maneira, o Governo Imperial conferiu para si a responsabilidade de facilitar a vinda dos imigrantes para o Brasil através de uma política migratória de colonização. Durante o século XIX, colonizar significava tanto para o governo brasileiro como para a imprensa “introduzir com novos habitantes, mão de obra inexistente no lugar, e, de outro lado, empregá-la nos estabelecimentos agrícolas”²⁰. Nesse sentido, para o autor a *colonização alemã* foi entendida pelos brasileiros como a exploração de um lugar ou uma região através das diretrizes do Governo por meio da mão de obra de trabalhadores livres.

A partir de 1859 vinda de imigrantes alemães para o Brasil passou a encontrar empecilhos: o Rescrito de Heydt tirou o Brasil da lista dos países confiáveis para a imigração. Essa medida partiu do estado da Prússia, contudo, outros estados alemães também passaram a adotá-la. O que provocou essa ação dos estados da Alemanha foram os relatos de insatisfação de colonos alemães que voltaram para o seu país de origem. Eles afirmavam que o Brasil não vinha cumprindo os acordos estabelecidos com a Alemanha e declararam passar dificuldades no país. Apesar dos relatos destes colonos, o decreto de Heydt não se aplicou para as regiões do sul do Brasil, as quais continuaram recebendo imigrantes. Esse fator pode ser considerado uma das razões para o fato dos imigrantes alemães terem se concentrado nesta região. Heydebrandt, proponente de tal medida, afirmava que o Brasil não dispunha de estrutura e nem dos meios necessários de controle para organizar a colonização alemã e proteger os imigrantes, e as restrições dos estados alemães permaneceram até 1890. Entre os problemas da política de colonização, Seyferth destaca:

19 CUNHA, Jorge Luiz da. **A Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais**. In: CUNHA, Jorge Luiz de & Gärtner, Angelika (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: História, Linguagem e Educação- Santa Maria: Ed. UFSM, 2003, p.18.

20 ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1968, v.1, p.2.

a existência de problemas nas fronteiras internacionais e de grandes áreas de terras devolutas consideradas desabitadas, apesar da presença de grupos indígenas e posseiros. A ocupação dessas terras tornou-se a principal meta dessa política de colonização, que alijou do processo os nacionais [...] A venda de terras públicas constituiu o fundamento do sistema de colonização, mesmo nas colônias administradas por companhias particulares que obtinham grandes concessões para depois repassá-las aos colonos, atomizadas em lotes padronizados de 25/30 hectares. Sendo assim, as colônias alemãs, mesmo quando situadas geograficamente próximas das capitais provinciais, ficaram um longo tempo social e espacialmente distantes da sociedade brasileira - isolamento relativo, que contribuiu para o fortalecimento de uma consciência étnica coletiva estruturada pelo próprio processo histórico de colonização.²¹

Apesar das dificuldades, o sul do Brasil- principalmente o estado do Rio Grande do Sul, continuou recebendo muitos imigrantes alemães. Durante a década de 1850, destaca-se a vinda dos *Brummer*; os quais foram acionados pelo Imperador para lutar contra Rosas no contexto da Guerra do Prata. Segundo Rambo, estes legionários alemães não contribuíram de maneira muito significativa para a derrota de Rosas. Todavia, muitos não regressaram a Alemanha e se fixaram no Rio Grande do Sul. Sobre a presença destes alemães no sul do Brasil, o autor afirma:

sua presença, porém, foi fundamental, pois atuaram como um poderoso fomento cultural, tanta nas comunidades teutas rurais como nas urbanas. Onde quer que se organizassem associações, sociedades e clubes destinados ao lazer, ao fomento da cultura, a organização classistas ou profissionais, encontra-se o dedo de um ou mais *Brummer*. Movidos por convicções liberais, foram os principais responsáveis pela implementação e a difusão do pensamento liberal entre os teuto-brasileiros.²²

Karl von Koseritz, primeiro editor do anuário analisado nessa escrita, migrou para o Brasil nesse contexto e é considerado o *Brummer* de maior destaque, tendo em vista sua atuação intelectual e política no Rio Grande do Sul. Segundo Grützmann (2007, p.129), através de suas publicações, Koseritz propagava o ideário liberal e discutia questões ligadas à educação, participação política dos imigrantes e seus descendentes, a manutenção da germanidade e a inserção deste grupo na sociedade brasileira. Ele é considerado um dos percussores do germanismo no Brasil e um dos principais responsáveis pela construção e divulgação de uma identidade étnica própria dos alemães do sul do país. Esta identidade deve ser compreendida não como a essência de um grupo, mas como um discurso construído por ele.

O grande objetivo do trabalho é mostrar como essa identidade foi representada e resignificada ao longo da década de 1930 no anuário *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*. Para a construção desse estudo, o entendimento de dois conceitos são essenciais:

²¹ Ibidem, p.3.

²² RAMBO, Arthur Blásio. **A História da Imprensa Teuto-brasileira**. In: CUNHA, Jorge Luis; Gärtner, Angélica (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação**. 1. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

identidade étnica e representação. Esta identidade, contudo, não deve ser confundida com a nacional, que perpassa pelo conceito de nação. Nesse sentido, Anderson (2008) entende a nação enquanto uma comunidade política, a qual é imaginada e soberana:

[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana. Ela é *imaginada* porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria dos seus compatriotas, nem os encontrarão, nem sequer ouvirão falar deles, embora na mente de cada um esteja viva a imagem de sua comunhão [...] é imaginada como *limitada*, porque até mesmo a maior delas, que abarca talvez um bilhão de seres humanos, possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais encontram-se as outras nações. Nenhuma nação se imagina coextensiva com a humanidade. [...] É imaginada como *soberana*, porque o conceito nasceu numa época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico divinamente instituído. [...] é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. ²³

Nesse sentido, Werle argumenta que a identidade dos alemães no sul do Brasil deve ser compreendida enquanto uma identidade étnica e não nacional, tendo em vista que as identidades étnicas, “apesar de se assemelharem às identidades nacionais em vários aspectos, como de considerarem uma ancestralidade em comum, não são construídas a partir do conceito de “soberania” como as nacionais e, nesse sentido, a “limitação” também não se estabelece necessariamente em relação a fronteiras geográficas”.²⁴ Ainda sobre a identidade étnica, Poutignat a define como:

A crença na vida em comum étnica constrói-se a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem como de uma mesma espécie é indissociável da repulsa diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria a consciência de pertença, mas, ao contrário, a comunicação das diferenças das quais os indivíduos se apropriam para estabelecer fronteiras étnicas²⁵

Rosanne Neumann argumenta que “no local de chegada, os imigrantes buscam (re)construir suas identidades individuais e de grupos étnicos. A formação de identidade é sempre relacional, pois envolve a construção e a afirmação de um nós diante de um outro, ou seja, a alteridade se dá em relação a um outro”.²⁶ Nesse sentido, entende-se que a afirmação dos imigrantes alemães e seus

23 ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14-16.

24 WERLE, Bibiana. **A campanha de nacionalização e sua memória no alto do Taquari – RS**. Porto Alegre: UFRGS, 178 f. 2014. Dissertação de mestrado. UFRGS. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, 2014, p.32. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88346/000911722.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20/06/2015.

25 POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Ed. UNESP, 1998 p.40.

26 NEUMANN, Rosane Márcia. **Imigração e Identidade étnica: a construção do “ser alemão” no sul do Brasil**.

descendentes enquanto grupo étnico está diretamente relacionada à existência de uma diferenciação com outros grupos ou indivíduos, nesse caso, os brasileiros. Essa distinção étnica promovida pelos colonos alemães foi contestada ainda no século XIX, todavia, foi durante a década de 1930 que estes discursos nacionalistas ganharam força. Neumann argumenta que dentro do grupo étnico alemão, contudo, também existiam diferenças internas, uma vez em que os imigrantes vieram de diferentes regiões da Alemanha. O que aproximava esses grupos eram suas memórias em relação ao *Heimat* (Pátria-mãe), a Alemanha, havendo também um “apego” muito grande às tradições e aos costumes de origem alemã:

Em meio à pluralidade, construíram como identidade comum o “ser alemão” [...] a sustentação desse imaginário estava na “presença de uma ausência”, ou seja, a presença da Pátria-mãe no imaginário teuto-brasileiro na forma de pequenas narrativas metafóricas já que no campo simbólico ela está ausente. Aqui, a rememoração tornar-se-ia o sustentáculo da memória coletiva, cuja referência a qualquer objeto alemão remetia à pátria de origem, ou seja, nunca se fora tão apegado às tradições culturais do que na diáspora – nunca se havia sido tão alemão quanto no Brasil ²⁷

Frederick Barth (1998) entende a pertença étnica não apenas como uma questão de origem, mas também de identidade corrente. Ele argumenta que os grupos étnicos selecionam dentro das suas características aquelas que são essenciais para sua identidade, diferenciação e afirmação em relação ao outro. Barth afirma que “os grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se implicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes”²⁸.

A análise das imagens e ideias relacionadas à identidade étnica alemã no sul do Brasil, as quais estão presentes no anuário *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, deve ter como suporte o conceito de representação, que está vinculado à História Cultural. O anuário é composto por diferentes produções que se apresentam através de diferentes maneiras, como ensaios, anúncios, poemas, contos, relatos de viagem e memórias. Estas produções “eram portadoras de sentido, veiculavam modelos de identificação e organizavam modos de “compreensão do real” ”²⁹. Nesse sentido, Chartier argumenta:

As representações do mundo social, a revelia dos atores sociais, traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados e [...] paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um

História: Debate e tendências, v.14, n.1, jan-jun. 2014, p.94. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rhdt/article/viewFile/4168/2693>> Acesso em: 20/06/2015.

27 Ibidem, p.96.

28 BARTH, F. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade: grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: UNESP, 1998, p. 214.

29 BONOW, Imgart G. **Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830-1890)**. História Unisinos, 11 (1): 123 – 133, Janeiro/Abril 2007, p.124.

grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.³⁰

Ainda sobre a relação entre identidade étnica e representação, Pierre Bourdieu afirma:

[...] Num registro mais profundo, a busca de critérios “objetivos” da identidade étnica não deve fazer esquecer, na prática social, que critérios como a língua, por exemplo, constituem o objeto de representações mentais- vale dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos- e de representações objetivas, como emblemas, insígnias ou atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica tendentes a determinar a representação (mental) que os outros podem construir a respeito tanto dessas propriedades como de seus portadores³¹

Dessa maneira, entende-se que o historiador deve estar sempre atento ao analisar estas representações uma vez em que elas estão diretamente atreladas à interesses pessoais dos grupos ou indivíduos que as produziu. Nesse sentido, é possível afirmar que o que está representado, e também aquilo que está omitido em jornais, revistas ou em um anuário fazem parte de um processo de escolha os quais originam relações de poder e disputas. Implicam na definição sobre quem está representado (incluído) e sobre quem está excluído, também na definição sobre que práticas são esperadas dos integrantes daqueles grupos e no estabelecimento de ordem e hierarquia.

Os contos, poemas, relatos de viagem, memórias e anúncios que compõem as edições *Koseritz Deutscher Vokskalender für Brasilien* “não estão descolados da ação e nem isentos de intencionalidade, mas são oriundos de um processo de apropriação, modificação e recriação efetuada pelos seus autores”³². As ideias e imagens presentes neste anuário e suas representações, contudo, significaram para muitos imigrantes alemães e seus descendentes o caminho disponível para a apreensão e construção da realidade por meio da leitura. Segundo Grützmann (2007, p.125), os anuários podem ser entendidos como a principal forma de acesso à palavra escrita em língua alemã para diversos segmentos da sociedade no período compreendido entre 1875 e 1939.

Giralda Seyferth, em seu artigo *Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro*, argumenta que a formação de uma identidade étnica dos imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil está diretamente relacionada ao processo de colonização, por isso a importância em dedicar parte dessa escrita a questões relacionadas à vinda dos imigrantes alemães ao sul do Brasil. Há muitas linhas de pesquisa que apontam para um isolamento da comunidade alemã ou até mesmo em um “enquistamento étnico” dos alemães, como se o fato destas comunidades ocuparem regiões mais isoladas fosse resultado de uma escolha

30 CHARTIER, R. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p. 19.

31 BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas – O que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008, p.107.

32 BONOW, Imgart G. **Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830-1890)**. História Unisinos, 11 (1): 123 – 133, Janeiro/Abril 2007, p.125.

própria. Seyferth afirma que tanto os governos provinciais e imperiais, assim como o governo federal a partir de 1889, foram os responsáveis por encaminhar os imigrantes alemães a terras vazias e em regiões mais desocupadas. O processo de colonização alemã foi marcado por grande desorganização do governo brasileiro:

[...] o cotidiano das primeiras décadas da maioria das colônias foi marcado pela insegurança gerada por problemas fundiários e pelas deficiências dos serviços públicos essenciais. As verbas não eram suficientes para abrir as estradas necessárias, para demarcar os lotes com antecedência, para atender às demandas na área do ensino fundamental e da saúde. Muitas vezes não havia recursos sequer para pagar os serviços prestados pelos colonos (eles próprios contratados para realizar demarcações, construir pontes e pontilhões, picadas, etc).³³

Segundo Seyferth (2008, p.4) a desorganização do Estado brasileiro provocou dois resultados ligados à questão étnica: o primeiro foi a formação de uma organização comunitária, a qual resultou em associações assistencialistas, escolas étnicas ligadas à igreja católica ou luterana, sociedades culturais e recreativas e também o uso diário do alemão. O segundo resultado apontado pela antropóloga está relacionado à formação de um complexo econômico e social vindo da colonização. Estes resultados deram características próprias às colônias, que acabaram se distanciando de outros grupos. Nesse sentido, Seyferth entende que a criação de uma etnicidade teuto-brasileira está diretamente relacionada a estas especificidades, as quais reforçam o pertencimento étnico e cultural ligados a Alemanha:

O elemento mais concreto dessa etnicidade é o sentido de comunidade baseado na história comum da colonização- da qual o pioneirismo dos primeiros colonos emerge como símbolo étnico-, na cultura comum, considerada alemã, e na origem racial/nacional, que remete à noção de Volk (povo). Assim, a comunidade étnica formalizada é assumida como endogâmica e definida por um conjunto de elementos concretos que servem como limites a separá-la dos outros, entre os quais se destacam o uso cotidiano da língua alemã, a escola comunitária, as instituições culturais [...] além das características mais óbvias relacionadas ao estilo de vida e a uma ordem econômica e social derivada da experiência comum da colonização.³⁴

Seyferth (2008, p.5) afirma que a maioria dos alemães que migraram para o Brasil tinha origem rural ou pertencia às classes sociais urbanas menos favorecidas. Durante o processo de colonização, todavia, o sul do Brasil recebeu também muitos alemães para lutar nas guerras platinas

33 SEYFERTH, Giralda. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração alemã e o Estado brasileiro**, Anpocs,2008, p.4. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm>. Acesso em: 20/06/2015

34 Ibidem, p.5.

(*Brummer*), os quais permaneceram no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre ou nas colônias, onde muitos ocuparam papel de destaque nas áreas de ensino, jornalismo e comércio. Estas pessoas foram responsáveis por difundir a cultura e a língua alemã através da imprensa. Nesse sentido, a antropóloga entende que “as publicações são fonte importante para entender não só a natureza da ideologia étnica mas também as preocupações brasileiras com o "perigo alemão" - pois nelas se enfatizava o direito à especificidade como grupo étnico, muitas vezes sob o argumento da superioridade germânica”.³⁵ Os alemães viam a colônia como a Nova Pátria, a cidadania era a brasileira; a etnia, contudo, continuava sendo a alemã. Seyferth argumenta que o “ato de emigrar significou um rompimento com o país de origem mas não com o Volk (povo) alemão”³⁶. Entende-se dessa maneira que os imigrantes alemães representam um grupo étnico no Brasil. Entende-se por grupo étnico:

[...] aqueles grupos os quais alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propaganda da comunalização[...]³⁷

Citando Poutignat, Werle afirma que o que diferencia a identidade étnica das demais identidades é o fato desta estar diretamente ligada ao passado construído por uma memória coletiva. Nesse sentido, a historiadora afirma:

O passado construído pela memória coletiva, no que tange à construção de uma identidade étnica “teuto-brasileira”, tem no processo da colonização uma crença de origem comum. E não apenas compartilhar esse passado comum, como fixar símbolos e critérios de identificação são maneiras de estruturar e reestruturar as fronteiras étnicas através da interação do grupo étnico com os outros [...]³⁸

Werle (2011, p.7) cita as associações de ajuda, tiro e ginástica criadas pelos imigrantes alemães, além das escolas étnicas e igrejas e o uso cotidiano do alemão como formadores de uma identidade étnica alemã no sul do Brasil. A autora argumenta que a afirmação de uma identidade étnica alemã no Brasil passa pelo conceito de germanismo, que para Gertz significa “uma ideologia e uma prática da defesa da germanidade das populações de origem alemã”.³⁹ A identidade própria dos alemães do

35 Ibidem, p.6.

36 Idem.

37 POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Ed. UNESP, 1998 p.37.

38

WERLE, Bibiana. A campanha de nacionalização e sua memória no alto do Taquari – RS. Dissertação de mestrado.UFRGS. Porto Alegre, 2014, p. 19-20. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36945/000818626.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20/06/2015.

39 GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1991, p.32.

sul Brasil e a vida independente nas colônias gerou muitos debates no Brasil, contudo, foi no governo ditatorial de Vargas que a presença alemã passou a ser contestada através de atos de repressão, os quais foram institucionalizados pela Campanha de Nacionalização.

2.2 O PERIGO ALEMÃO E AS AÇÕES REPRESSIVAS DO ESTADO VARGUISTA

A presença de imigrantes e seus descendentes passou a ser vista como um problema pela população e também pelo governo brasileiro já no início do século XX. Contudo, é possível dizer que as colônias de imigração foram vistas como as mais “ameaçadoras” a ideia de construção de uma identidade nacional brasileira. Durante a década de 1930, mais precisamente a partir de 1937 no período conhecido como Estado Novo, as políticas do governo brasileiro se tornaram cada vez mais repressivas no que tange à população das colônias, principalmente a alemã. Isso, porém, não significa que no período anterior a 1937 não tenha havido repressão a essa população. O receio que se tinha com os alemães se manifestou principalmente na região sul do Brasil, onde a imigração foi mais intensa.

É preciso ter em mente que desde 1824, no período marcado pela chegada dos primeiros imigrantes alemães a região sul do Brasil, a presença desta etnia no Brasil já gerou debates polêmicos. René Gertz (1991) afirma, nesse sentido, que desde o início da imigração os alemães foram acusados de não se integrar a cultura brasileira. Não apenas a população, mas também políticos, argumentavam que os alemães se mantinham à margem da nação brasileira, uma vez em que se casavam apenas entre si, mantinham o alemão como seu principal idioma e viviam intensamente as tradições da velha Pátria. Até mesmo os descendentes que haviam nascido no Brasil eram passíveis de crítica. Gertz ratifica sua argumentação citando o discurso datada do ano 1854, onde o deputado gaúcho José Bernardino da Cunha Bittencourt diz:

Os colonos que por todos os motivos mais úteis nos podem ser são sem contestação os portugueses. Além dos hábitos, costumes e linguagem à nossa semelhante, nós vemos que a segunda geração dos portugueses entre nós já é brasileira: o filho do português entre nós já é brasileiro e pugna pelo Brasil como sua única Pátria. Poderemos dizer o mesmo dos míseros alemães? Me parece que não. Em geral, não há filho e mesmo neto de colono alemão que pugne pelo Brasil como se pugnassem pela sua Pátria; pelos exemplos dos pais olham esta terra mais como madrasta do que como mãe.⁴⁰

Assim como o discurso de Bittencourt, outros discursos semelhantes se propagaram ainda em meados do século XX. A argumentação central era a de os imigrantes alemães isolavam-se nas

40 GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991, p.13.

colônias e se mantinham puramente alemães, sem buscar interagir e se integrar com a comunidade e com a cultura brasileira. Gertz (1999) avalia que, de fato, os dados históricos mostram que houve poucos casamentos interétnicos nas colônias de imigração alemã. No entanto, o autor pondera que essa característica das colônias, vista com grande estranhamento pelos brasileiros, pode ser analisada com outro olhar. O autor argumenta que a maioria das colônias de imigração alemã era etnicamente homogênea e que é natural que integrantes de uma mesma etnia- até o momento de modernização dos meios de comunicação, busquem parceiros dentro de uma área geográfica restrita.

A partir da década de 1870, quando a Alemanha foi unificada, a ideia de isolamento das comunidades alemães ganhou uma nova dimensão, segundo Gertz. Como citado anteriormente no subcapítulo que discute a imigração alemã no sul do Brasil, a partir do momento em que a Alemanha se unificou a questão emigratória passou a ser discutida de outra maneira no país. Os estudos de Gertz (1991) se aproximam aos de Jorge Cunha (2003). Ambos argumentam que o governo alemão incentivou a imigração alemã para a região sul do Brasil com a expectativa de que os alemães no exterior, principalmente os que se direcionaram para essa região do Brasil, pudessem trazer bons frutos para a Alemanha através da entrada de capital alemão no Brasil. Para o historiador, essas teorias germanistas que buscavam expandir o mercado alemão no Brasil associadas a ideia já consolidada no Brasil de uma não-integração e de um isolamento dos alemães e seus descendentes deu origem ao que o autor chamou de “campanha do perigo alemão”. Esta campanha se estendeu por mais de 40 anos e só se enfraqueceu durante a Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha saiu perdedora. A derrota da Alemanha fez com que o argumento de que o país tinha intenções imperialistas no Brasil perdesse forças. A chegada de Hitler ao poder e seus ideais nacionalistas alargaram a discussão acerca de um “perigo alemão” no Brasil. Durante esse período aconteceu o que Gertz (1991, p.40) define como um “reavivamento e radicalização do germanismo” nas colônias, o qual foi possível devido ao apoio que estas recebiam da Alemanha. O país se reerguia da Primeira Guerra, e um sentimento de exaltação à Pátria Mãe pelos colonos era natural. Esse “apoio” alemão as colônias de imigração no Brasil não significou, contudo, que Hitler tivesse grandes pretensões políticas no Brasil.

Sobre as atividades partidárias nazistas nas regiões de imigração alemã, o historiador afirma que é difícil encontrar algum fato que fundamente a ideia de que houve um reflexo destas atividades nazistas em eleições realizadas durante a década de 1930. Em contrapartida, o autor afirma que o integralismo foi mais forte em regiões de colonização alemã e italiana quando se faz uma comparação com outras regiões. Gertz (1991, p.55) argumenta, todavia, que o integralismo, diferentemente do que se pensa, esteve longe de ser unânime nessas regiões. As falsas ideias de

germanismo, nazismo e integralismo, as quais são facilmente confundidas entre si, foram responsáveis por dar o impulso final para a ação do Estado ditatorial de Vargas que ficou conhecida como Campanha de Nacionalização.

Foi apenas durante o governo autoritário de Vargas que medidas de repressão aos alemães foram institucionalizadas. Giralda Seyferth (1999) argumenta que a Campanha de Nacionalização foi uma maneira encontrada pelo Estado ditatorial de Vargas para resolver as questões relacionadas ao processo imigratório no Brasil. O país recebeu imigrantes de diferentes nacionalidades, sendo aproximadamente 75% de precedência latina (italianos, portugueses e espanhóis). Em números, a imigração alemã ocupou o quarto lugar com aproximadamente 250 mil imigrantes e o quinto lugar foi ocupado pela imigração japonesa.

Os imigrantes alemães ocuparam regiões isoladas e isso resultou, nas palavras de Seyferth “numa organização comunitária própria, considerada necessária diante a omissão do Estado, facilitando o uso cotidiano da língua materna.”⁴¹ Os alemães e seus imigrantes criaram associações de ajuda, escolas⁴² e igrejas étnicas dentro de suas colônias, reforçando a ideia de isolamento da comunidade brasileira. Ela argumenta que o governo brasileiro se apropriou de alguns trabalhos da década de 1930 e 1940, que falavam sobre a importância da imposição de uma língua nacional e também sobre a aculturação dos alemães, como base científica para determinar a língua como uma barreira para a integração dos imigrantes à Nova Pátria (Brasil). Nesse mesmo período, a língua era compreendida enquanto a principal sustentação da identidade nacional. Nesse sentido, houve uma assimilação muito grande entre língua nacional e espírito nacional. Nesse sentido, a antropóloga afirma: “A unidade nacional tornou-se assim um imperativo de natureza linguística e uma questão de educação- o ensino nacionalizador (que inclui o civismo) encarregado de exorcizar o fantasma da inassimilação, do segregamento, que purifica a etnia”.⁴³ Dessa maneira, uma das primeiras ações da Campanha de Nacionalização foi a proibição de todas as escolas étnicas no Brasil, em 1938. Sobre os efeitos da Campanha de Nacionalização, Lúcio Kreutz afirma:

[...] esta foi uma experiência traumatizante, porque, de um momento para outro, deixou de ser legítima toda uma expressão e organização sócio-cultural permitida por mais de cem anos, tendo sido incentivada e elogiada pelas instâncias oficiais. Houve uma brusca ruptura da rede escolar teuto-brasileira, que contava, então, com 1141 escolas e 1200 professores no Rio Grande do Sul, um cerceamento das estruturas de sociedades recreativo-culturais e „foi proibido falar em língua alemã“, quando uma grande parte (maioria dos que habitavam os núcleos rurais) não sabia o português. (...) Para toda uma geração de imigrantes ficou sendo constrangedor manifestar-se em sua identidade cultural da forma como havia sido

41 SEYFERTH, Giralda. **Os imigrantes alemães e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.204.

42 Em 1937 havia no Brasil 1.579 escolas étnicas alemãs. Sobre as escolas étnicas no Brasil ver: *Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio*, Lúcio Kreutz, 2000.

43 *Ibidem*, 218.

construída até aquele momento .⁴⁴

Como visto, as medidas repressivas começaram a se radicalizar. Não apenas as escolas étnicas alemãs foram fechadas: a língua alemã foi proibida de ser falada em público em 1939, principalmente nos estados do sul do Brasil, áreas onde a colonização alemã foi mais intensa. Seyferth afirma que a Campanha Educativa foi além da escola, e incluiu atividades como palestras cívicas, exposição de retratos de heróis nacionais, sempre com o intuito de promover o sentimento de nacionalidade entre as comunidades de colonização. A partir de 1939 as ações do Estado se tornaram cada vez mais extremas. Associações culturais e recreativas, além de igrejas foram fechadas. Todas essas ações eram comandadas pelo exército brasileiro, que tinha como função reprimir qualquer tipo de manifestação de etnicidade nas áreas de colonização. Nesse sentido, Seyferth afirma que para o exército brasileiro:

estava sendo travada uma guerra quistos étnicos que ameaçavam a soberania nacional. E a primeira batalha a ser vencida era a erradicação do uso cotidiano dos idiomas estrangeiros. A língua portuguesa como cimento da brasilidade e instrumento de adaptação à sociedade nacional deveria chegar ao lar, à igreja, aos espaços de lazer, aos locais de trabalho. Procurava-se atingir toda organização da vida local.

A Campanha de Nacionalização atingiu também os meios de imprensa em língua estrangeira. Já em 1939 muitos jornais, revistas e rádios foram fechadas. O anuário analisado nessa escrita encerrou suas atividades em 1939 devido às ações nacionalizadoras do Estado. Na edição de 1938 do anuário, todavia, já é possível perceber algumas mudanças. Cito como exemplo a extinção das páginas finais do *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, que desde sua primeira edição traziam informações sobre as associações, escolas, igrejas e lojas alemãs em Porto Alegre e região.

Mesmo antes das ações mais específicas realizadas pelo Estado Novo, o decorrer da década de 1930 foi marcado por um processo de elaboração de um determinado tipo de nacionalismo no Brasil que excluía vários setores da população e, entre eles, os descendentes de imigrantes alemães. Eliana Freitas Dutra, em *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30-* que focaliza especialmente o período entre 1935 e 1937, fundamentando-se em teóricos da psicologia, explica que neste momento o imaginário social recorreu ao Estado, identificado com a nação, a Pátria-mãe, como um salvador que poderia proteger a sociedade dos males que a atormentavam.

No contexto dos anos 30, deve-se prestar especial atenção na atuação do Estado para definições sobre o nacional. Isto ocorreu porque a crise mundial foi responsável pela emergência de regimes autoritários no Brasil e em vários outros países. O nacionalismo que se configurou a partir dos

44 KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial - magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: UFSC, 1991, p. 77.

anos 30 não foi mais o liberal, mas o do tipo autoritário, centrado no Estado, o qual teve grande poder para autorizar ou censurar seus símbolos.

No Brasil, o ano de 1937 marcou a plena institucionalização deste modelo de Estado. Contudo, a Grande Depressão internacional que marcou o início dos anos 30, já vinha fomentando ideias autoritárias sobre um determinado tipo de nacionalismo e sobre a promoção de uma versão muito excludente sobre a identidade nacional brasileira desde o começo da década. O ano de 1935, com todo o alarme feito em torno da *Intentona Comunista*, poderia ser indicado como mais um elemento fortalecedor deste pensamento nacionalista autoritário. Nesse sentido, Geraldo argumenta:

Antes do Estado Novo, o governo de Vargas já vinha aumentando as estratégias de controle sobre a população imigrante. A grande repressão movida nos anos anteriores sobre comunistas, socialistas e anarquistas certamente ajudou na identificação dos trabalhadores imigrantes como os principais transmissores de “ideologias estrangeiras.”⁴⁵

A historiadora argumenta que, politicamente, os discursos de Vargas em relação à assimilação dos estrangeiros, a construção de um projeto de combate a etnicidade de imigrantes e seus descendentes e a própria Campanha de Nacionalização promovida durante o Estado Novo, acompanhavam o processo político centralizador do presidente. A autora afirma que muitas colônias haviam assumido um caráter totalmente independente do Estado. A independência, principalmente das colônias de imigração alemã, se dava através de suas associações de ajuda, escolas étnicas e igrejas próprias. Essa autonomia dos imigrantes e seus descendentes incomodava Vargas.

Em 1938, o governo Vargas colocou em prática o Conselho de Imigração e Colonização, o qual estava atrelado ao Gabinete da presidência. Geraldo afirma (2007, p.114-115) que as interpretações e estudos que estas pessoas ligadas ao Conselho fizeram sobre os estrangeiros e as colônias, serviram para o governo como base para projetos direcionados a política de imigração no Brasil e controle de estrangeiros. A autora apresenta uma publicação da época, onde um dos membros do Conselho fala sobre a necessidade de intervenção estatal na política migratória:

Na apresentação do primeiro número da Revista de Imigração e Colonização, publicação oficial do Conselho, João Carlos Muniz justificava a intervenção do Estado nos movimentos migratórios. Muniz reforçava a imagem de que se tornara necessário planificar, selecionar e dirigir as “correntes humanas”, e de que “a acessibilidade a certas formas de assimilação étnica e contato social” era uma condição essencial para o progresso nacional.⁴⁶

Seyferth (1999, p.221-225) conclui que mesmo com tantas ações repressivas durante a

45 GERALDO, Endrica. **O "perigo alienígena": política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**. Campinas: UNIMCAP, f. 241. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP, Campinas, 2007, p.114. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420746&fd=y>> Acesso em: 05/11/2015.

46 Ibidem, p.116.

década de 1930, o governo não conseguiu acabar com os sentimentos de etnicidade, com as identidades étnicas nas colônias e as diferenças culturais. Em contrapartida, atingiu intensamente a organização comunitária, através do fechamento de escolas, associações e igrejas. A proibição do alemão não teve o efeito imediato esperado pelo Estado brasileiro: mesmo os colonos que eram bilíngues e falavam português, no âmbito doméstico continuaram a falar sua língua mãe entre si e também com pessoas da mesma origem. No meio rural, a maior parte dos colonos sequer aprendeu o português.

3 A IMPRENSA COMO LUGAR DE CONSTRUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA ALEMÃ

Foi através de jornais, revistas e anuários que os imigrantes alemães e seus descendentes construíram e divulgaram sua identidade e ideologia étnica, a qual era pautada no conceito de germanismo. Seyferth (1999, p.203) argumenta que os primeiros veículos de imprensa alemã surgiram ainda nos 1860, menos de 20 anos após a chegada dos primeiros imigrantes ao sul do Brasil. Todavia, foi durante o período entre 1880 e 1939 que estes tiveram maior circulação. Foi nessa imprensa em língua alemã que surgiu o que autora define como uma "concepção de identidade dupla": os alemães se apresentavam como Deutschbrasilianer, ou seja, alemães-brasileiros. Nesse sentido, entende-se que esse duplo pertencimento diz respeito ao fato de que estes alemães-brasileiros enxergavam na Pátria-mãe (Alemanha) sua origem, contudo, sua cidadania era a brasileira. Preservar a língua alemã sempre foi muito importante para os imigrantes alemães, tendo em vista que a língua pode ser entendida como um dos principais meios para se manter o vínculo com a Alemanha e suas tradições. Nesse sentido, as publicações em língua alemã devem ser entendidas como uma das maneiras mais significativas que os alemães encontraram para externar sua etnicidade. Nesse capítulo, destacou-se a importância dos anuários em língua alemã e foi realizada uma análise das edições de 1934 a 1938 do *Kosertiz Deutscher Volkskalender für Brasilien*.

3.1 ANUÁRIOS: O GÊNERO DE IMPRENSA MAIS POPULAR ENTRE OS ALEMÃES NO BRASIL

Os *Kalender*, em português, anuários ou almanaques, podem ser entendidos enquanto o veículo de comunicação mais popular entre os imigrantes alemães e seus descendentes. Os primeiros anuários começaram a circular de maneira mais intensa pelo sul do Brasil no início da década de 1870. Por muito tempo, a única leitura que os imigrantes faziam em língua alemã era a de publicações que vinham da Alemanha, as quais podiam ser compradas em livrarias especializadas em publicações estrangeiras. Contudo, com o tempo, sentiram a necessidade de ler algo em língua alemã que os colocasse em contato com a Pátria Mãe Alemanha, mas que também trouxesse informações sobre a Nova Pátria, o Brasil. Nesse sentido, os anuários surgiram com a missão de informar os alemães sobre acontecimentos importantes no Brasil e também na Alemanha, traziam também informações importantes aos colonos sobre o solo e o clima brasileiro, traduções em alemão de documentos em português, contos, propagandas e textos de caráter histórico.

O Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien foi um dos anuários mais importantes que circulou pelo sul do Brasil. Apesar de ser editado na cidade de Porto Alegre, ele chegou também ao interior do Rio Grande do Sul e aos estados de Santa Catarina e Paraná. Seu destaque em relação aos seus correspondentes se dá pelo fato dele ter tido mais de 60 edições. Este anuário começou a ser publicado em 1874 e se estendeu até 1939, período em que o Brasil vivia a Campanha de Nacionalização e as publicações em língua estrangeira foram proibidas pela ditadura de Vargas.

Durante a década de 1920 havia, apenas no Rio Grande do Sul, 7 anuários em língua alemã: *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, *Familien-Freund Kalender*, *Rio-grandenser Marienkalender*, *Kalender der Rio-grandenser Synode* e *Kalender der Serrapost*. Grützmann (2007) argumenta que no período entre 1850 a 1945 esse tipo de publicação significou a principal modalidade de acesso a palavra escrita entre as pessoas de origem alemã, não apenas no Brasil, mas também no Chile e na Argentina. Apesar de haver uma grande variedade de anuários, a estrutura deste gênero de imprensa era muito semelhante a todas as publicações e seu objetivo também. Rambo afirma:

Com periodicidade anual, destinavam-se essencialmente a informação e a formação do seu público leitor. No que diz respeito à informação, o almanaque costumava começar com um calendário indicando os acontecimentos fixos que ocorriam durante o ano, as fases da lua, os feriados religiosos e civis, etc e dependendo da orientação, os santos do dia, as datas litúrgicas. Costumava haver também um calendário para orientar os agricultores a plantar ou semear na época correta, com informações sobre doenças [...] Uma retrospectiva sobre os acontecimentos de repercussão regional, nacional e internacional [...] Em nenhum almanaque que se prezava podiam faltar informações sobre o câmbio, medidas e pesos. A parte final dos almanaques costumava ser reservada para anúncios dos mais variados tipos [...] A parte formativa era constituída por poemas, ensaios, narrativas de viagens, biografias e, sobretudo, poesias, muitas poesias.⁴⁷

Sobre o conteúdo dessas publicações, Valburga Huber (2008) afirma que a temática mais recorrente nos anuários de língua alemã editados no Brasil, principalmente na seção de formação, era a imigração e o dia a dia na colônia. A autora argumenta que os anuários difundiram um patrimônio cultural misto, o *Deutschbrasilianertum*. Esse conceito designa um sentimento de duplo pertencimento para os alemães, os quais mantêm um amor pela Alemanha, sua Pátria de origem, mas também pelo Brasil, a nova Pátria. Este sentimento de duplo pertencimento, uma das características da identidade construída pelos imigrantes alemães e seus descendentes, passou a ser cada vez mais contestado. Durante a década de 1930, sob os ideais nacionalistas do governo

47 RAMBO, Arthur Blásio. **Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais**. In: CUNHA, Jorge Luiz de & Gärtner, Angelika (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem e Educação**- Santa Maria: Ed. UFSM, 2003, p.71-72.

autoritário de Vargas, a identidade étnica dos alemães do sul do Brasil passou a ser combatida através de ações repressivas.

3.2 REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA ALEMÃ NO KOSERITZ DEUTSCHER VOLKSKALENDER FÜR BRASILIEN (1934-1938)

É preciso ter em mente que as escritas do anuário analisado no presente trabalho estão imbuídas de intencionalidades e não podem ser apreendidas enquanto a compreensão do real, uma vez em que reproduzem os interesses de um grupo específico: parte dos imigrantes e, principalmente, os descendentes de alemães. Entende-se que não há a necessidade de uma tradução palavra por palavra, nesse sentido, foi realizado um resumo dos textos de caráter histórico que diziam respeito à década de 1930 ou ao processo de imigração, buscando sempre estabelecer um diálogo com a bibliografia utilizada no desenvolvimento desse trabalho.

Nas edições analisadas (1934-1938) foram encontrados poucos textos de cunho histórico, tendo em vista que mais de 70% do anuário era composto por poemas e contos. Além destes, as propagandas também ocupavam muitas páginas nesse tipo de publicação. Foram analisados no presente trabalho apenas os textos de caráter histórico que diziam respeito à acontecimentos da década de 1930 e os que possuíam algum tipo de relação com o processo de colonização alemã no sul do Brasil. Todas as edições analisadas possuíam uma estrutura de organização das páginas e de escrita bastante semelhante, apenas na edição de 1938 foram observadas mudanças. Percebeu-se, que alguns dos textos de caráter histórico do anuário não deixaram registrado o nome do autor. É provável que estas escritas sejam de responsabilidade do editor do anuário na década de 1930, R. Krahe.

a)1934: Rückblick auf die deutsche Kolonie São Leopoldo (Retrospectiva da colônia alemã São Leopoldo)

Na edição de 1934⁴⁸, destaca-se o texto do editor do anuário, onde este fez um resumo de uma matéria publicada em 1878 por Herr Hoffmann na revista alemã *Imagem da vida nas colônias alemãs*. O editor, todavia, não faz comentários a escrita de Hoffmann. Nesse texto, Hoffmann faz uma retrospectiva da chegada dos primeiros imigrantes alemães a São Leopoldo. Ele inicia sua escrita afirmando que se engana quem pensa que São Leopoldo é apenas uma pequena cidade amigável no Vale do Rio do Sinos. Ele afirma que a colônia alemã foi fundada em São Leopoldo em

48 Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien, 1934, n.59, p. 101-106.

1824 através das ações do primeiro imperador brasileiro, Dom Pedro I, o qual reconheceu o valor da imigração alemã para o Brasil e fez algumas "promessas" para incentivar a vinda dos alemães para o Brasil como por exemplo, pagamento das despesas com a viagem, garantia do direito civil, livre exercício da religião, pedaço de terra cultivável, materiais necessários para o início da agricultura e isenção de taxas fiscais. Nesse contexto foi fundada a Feitoria Velha, que mais tarde passou a se chamar Vila de São Leopoldo. Ele esclarece que, antes de 1824, já havia acontecido outras tentativas de colonização alemã na Província do Rio Grande do Sul, contudo, São Leopoldo foi a primeira grande colônia alemã no Rio Grande do Sul que prosperou.

O autor afirma que após as dificuldades do início da colonização terem sido superadas, o número de habitantes passou a crescer ano após ano, uma vez em que começaram a vir cada vez mais imigrantes da Alemanha. A repercursão do sucesso da colônia de São Leopoldo fez com que fossem surgindo novas colônias semelhantes no Rio Grande do Sul, como Santa Cruz do Sul e Santo Ângelo, contudo, nenhuma se desenvolveu tanto como São Leopoldo. Hoffmann argumenta que muitos alemães encontraram, na linda e tranquila São Leopoldo, sua nova Pátria, onde se sentem felizes e satisfeitos, enquanto na Alemanha, poderiam ser para sempre apenas servos. Os imigrantes alemães tiveram que "derrotar" a selva, entraram algumas vezes em confronto com os índios selvagens, mas conseguiram conquistar seu espaço de terra. O autor afirma que após muitas lutas, os imigrantes alemães foram capazes, através da sua coragem, conquistar o seu espaço.

Hoffmann traça um perfil dos imigrantes alemães que viviam em São Leopoldo. Ele diz que a maior parte deles vinham de Rheinhessen, região noroeste, e Pfalz, no sudeste da Alemanha. Havia também em São Leopoldo algumas pessoas nascidas na Prússia, as quais vieram para o Brasil devido a problemas políticos. Viviam também na colônia imigrantes evangélicos, mas também muitos católicos, os quais possuíam uma bela igreja no Rio dos Sinos. Já os protestantes possuíam uma igreja simples, onde a missa era rezada duas vezes por mês. Sobre o ensino em São Leopoldo, o autor fala que um professor alemão abriu um instituto privado de ensino que era bastante reconhecido. Para as meninas, havia ainda uma escola alemã dirigida por freiras. Existia também uma escola pública, onde os professores e professoras eram brasileiros (as). Os protestantes também possuíam uma escola. Uma das matérias principais de todas essas escolas era o português, tendo em vista que o conhecimento da língua do país para as crianças alemãs nascidas no Brasil era essencial, e os alemães cada vez mais se convencem disso.

Considerando esta publicação do anuário e também a bibliografia referente à imigração alemã no sul do Brasil, é possível afirmar que a colônia de São Leopoldo foi vista por muito tempo, pelos imigrantes alemães, como um exemplo a ser seguido. Analisando a escrita citada anteriormente, percebe-se que o autor tem a intenção de reafirmar a ideia do colono alemão que

chegou ao Brasil sem nada, mas que através do seu trabalho e sua dedicação conseguiu prosperar. Como o próprio autor afirma, no início da colonização São Leopoldo era apenas uma pequena vila, contudo, com a chegada crescente de imigrantes alemães e através de suas ações, transformou-se em uma cidade próspera. Na escrita analisada, percebe-se que o autor possui uma necessidade de reafirmar, a todo momento, essa ideia do colono alemão que chegou ao Brasil com poucos recursos mas que através do seu trabalho conseguiu melhorar sua vida e desenvolver a colônia. Nesse sentido, é possível afirmar que essa maneira de representar o colono alemão como um trabalhador, vencedor, pode ser entendida como um meio encontrado pelos responsáveis pelo anuário de valorizar essa versão de identidade, provocando nos leitores um desejo de cultivar tal identidade.

Quando o autor traça um "perfil" da comunidade alemã em São Leopoldo, podemos perceber que não havia uma grupo homogêneo de imigrantes, tendo em vista que estes vinham de diferentes regiões da Alemanha, migravam devido à diferentes razões e também dividiam-se entre o catolicismo e protestantismo. Nesse sentido, Neumann afirma:

Os movimentos migratórios colocam em contato diferentes grupos étnicos em uma relação de alteridade, tanto frente a outros imigrantes, quanto aos nacionais. Outro aspecto a considerar são as próprias diferenças internas, isto é, grupos aparentemente homogêneos apresentam estratificações, podendo ser econômicas, de origem ou sociais, diferenças essas que emergem nas relações cotidianas.⁴⁹

A historiadora argumenta que quando os imigrantes alemães chegaram ao Brasil buscaram reconstruir sua identidade individual e também coletiva. Neumann afirma que a construção de uma identidade é sempre relacional, uma vez em que significa a afirmação de um *nós* (no caso, os alemães), em relação a um *outro* (os brasileiros). Dessa maneira: "quando um indivíduo ou um grupo afirma-se como tal, o faz como meio de diferenciação em relação a um indivíduo ou a um grupo com que se defronta".⁵⁰ Entende-se que para os imigrantes alemães, os brasileiros representavam o outro, e foi frente a essa diferenciação que criaram sua identidade étnica enquanto grupo. Em contrapartida, internamente, os imigrantes alemães eram um grupo heterogêneo.

O fato do editor do anuário reproduzir um texto publicado ainda no final do século XIX, o qual tem como intenção divulgar as conquistas dos imigrantes alemães e o sucesso da colonização na cidade de São Leopoldo, pode ser entendida como uma tentativa do responsável pelo anuário em promover entre os colonos alemães uma determinada versão sobre a identidade étnica alemã. Esta identidade própria dos alemães do sul foi criada sob o ideário do imigrante alemão batalhador, que

49 NEUMANN, Rosane Márcia. **Imigração e identidade étnica: a construção do "ser alemão" no sul do Brasil.** História: Debates e Tendências- v.14, n.1,jan/jun. 2014, p.94-95. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rhdt/article/view/4168>. Acesso em: 27/06/2015.

50 Ibidem, p.95.

através do seu trabalho e da sua dedicação foi capaz de transformar lugares antes desertos e inóspitos, em cidades bonitas e desenvolvidas- como é o caso de São Leopoldo, um exemplo para o Brasil de cidade desenvolvida. Dessa maneira, interpreta-se a publicação desse texto como uma tentativa, do que Pollak (1989) definiu como um “enquadramento da memória”, por parte de um setor mais intelectualizado, na medida em que foram determinados os elementos do passado que deveriam ser lembrados pelos imigrantes e seus descendentes, no que tange à construção da identidade deste grupo étnico no Brasil.

b) 1935: Weltrundschau (Uma volta ao mundo)

Essa publicação do anuário⁵¹ não traz em suas páginas o nome do seu autor. Tendo em vista que em praticamente todos os poemas e textos do anuário há uma identificação do autor, acredita-se que as escritas que não estão identificadas, como já dito anteriormente, sejam de autoria do próprio editor do anuário, por uma questão de estilo de escrita. Nesse texto, o autor/editor teve intenção de fazer, em aproximadamente 10 páginas, uma espécie de “volta ao mundo” através de acontecimentos históricos que marcaram o período de 1934-1935 no Brasil e em alguns países da Europa. Entre os textos mais relevantes, destacou-se os que falam especificamente do Brasil. Logo no início do texto, o autor se refere ao Brasil como “nossa pátria brasileira“. Ele afirma que após o último ano, não aconteceu nada muito emocionante no país, graças ao destino, que após alguns anos de agitação política, conseguiu botar suas rodas novamente sob os trilhos. O autor se mostra satisfeito pelo fato do Brasil possuir uma nova Constituição, a qual deve reger a vida política do país. Mostra sua felicidade pelo fato do ditador (Getúlio Vargas) não estar mais, no que ele chama , “ponta” do governo. Para ele, a nova Constituição passou a regular não apenas a política, mas também a economia, mesmo que nem toda a opressão e inibição sofrida por eles (alemães) nos últimos anos pudesse ser superada por completa. Pelo fato da situação política e também econômica ter melhorado, o autor afirma que a comunidade alemã enxerga o futuro com uma “coragem” renovada.

Essa coragem também havia sido renovada pois as colônias comemoram nesse período os 110 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Brasil com grandes festas. O autor afirma que, por reconhecer a importância dessa imigração para o Brasil, o interventor do Rio Grande do Sul, General Flores da Cunha, declarou o dia 25 de Julho- dia do colono, como feriado estadual. O autor afirma que este dia, no ano de 1934, foi comemorado por muitas pessoas e de uma maneira bem mais intensa que os 100 anos da imigração alemã para o Brasil em 1924. O dia do colono foi celebrado também nas colônias de imigração italiana e ultrapassou os muros do Rio Grande do Sul,

51 Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien, 1935, n.60, p. 291-292.

sendo comemorado em Santa Catarina, como por exemplo, na cidade de Blumenau.

O autor segue sua escrita afirmando que mesmo antes da declaração do dia 25 de julho como dia do colono e feriado estadual, os descendentes de alemães foram homenageados por uma exposição organizada pelo município de São Leopoldo através da empresa de transporte que executou a estrada entre São Leopoldo e Porto Alegre. Essa foi uma maneira de homenagear os alemães pelo seu trabalho em prol do desenvolvimento de São Leopoldo e do Rio Grande do Sul.

Nessa publicação, podemos perceber uma crítica bem clara do anuário ao governo de Vargas. Quando autor fala em “agitação política” refere-se possivelmente ao período da Revolução Constitucionalista de 1932, que sob liderança majoritária de paulistas, exigia que Vargas outorgasse uma nova constituição. Apesar das tropas revolucionárias terem sido derrotadas pelo governo, seu propósito foi atingido: Vargas promulgou uma nova constituição em 1934. Quando o autor fala em uma superação de problemas enfrentados pela comunidade alemã no período anterior à Constituição de 1934, é provável que esteja fazendo uma referência a algum tipo de restrição, tanto política como econômica imposta por Vargas durante esse período.

É preciso ter em mente que as edições do anuário eram fechadas no mês de outubro. Nesse sentido, quando o autor diz que o ano de 1935 foi um ano menos turbulento no que tange à política brasileira, o Brasil ainda não havia vivido o que, popularmente, ficou conhecido como *Intententona Comunista*. Esse movimento foi liderado pela ANL, Aliança Nacional Libertadora- uma organização política inspirada nas frentes populares da Europa, que tinham como intenção conter o avanço do nazismo e do fascismo. O movimento eclodido entre 23 e 27 de novembro em cidades como Natal, Recife e Rio de Janeiro, objetivava derrubar Getúlio Vargas do poder e instaurar um governo popular no país, sob comando do líder comunista Luís Carlos Prestes. O movimento, contudo, não obteve a adesão que seus líderes imaginaram e foi rapidamente desarticulado e reprimido pelo governo. Eliane Dutra afirma que Vargas usou esse episódio de insurreição para fazer do comunismo o grande tema nacional: o Brasil passou a ter um grande inimigo, os comunistas. Sob o pretexto de combater forças comunistas que ameaçavam a segurança nacional, Vargas colocou em prática uma série de leis que legitimaram sua maneira totalitária de governar o país. Nesse sentido, Pandolfi (2003) argumenta que a revolta comunista serviu de manobra para o fechamento do regime político no Brasil, uma vez em que a partir desse período o poder executivo ganhou poderes de repressão quase ilimitados. Dessa maneira, pode-se dizer que esse processo de fechamento político iniciado em 1935 culminou no Estado Novo em 1937.

Através da análise dessa edição, é possível afirmar que, mesmo que se tratando de um período anterior ao Estado Novo, o anuário já tece críticas ao governo de Vargas, considerando o presidente um ditador e falando em opressão aos imigrantes. Todavia, nesse mesmo período, o

estado do Rio Grande do Sul declarou, através das ações do General Flores da Cunha, o dia 25 de julho como “Dia do Colono”. Apesar de se tratar de um feriado que homenageava todos os imigrantes que se instalaram no Rio Grande, é possível afirmar que, politicamente, foram os alemães que fizeram uma maior mobilização frente ao poder estadual para tal conquista. Nesse sentido, percebe-se que, apesar do governo federal vir fazendo retaliações aos imigrantes alemães, junto ao poder estadual, estes ainda conseguiam obter algumas “vantagens”.

c) 1936: Userer Tag, zum 25. Juli (Nosso Dia, ao 25 de Julho)

Nessa publicação⁵², o autor Wolfgang Ammon, imigrante alemão e literato de destaque entre os alemães do sul do Brasil, inicia sua escrita afirmando que a população descendente de alemães ultrapassa os 500 mil no Brasil e pretende no dia 25 de julho, dia da comemoração da imigração alemã no Brasil, reviver o espírito do germanismo que está adormecido. O autor propõe uma união entre as colônias de imigração alemã, lembrando os momentos difíceis vividos no início da colonização. Ele afirma que os imigrantes tiveram de lutar pela sua sobrevivência e trabalharam intensamente para dar um pedaço de terra aos seus filhos. Afirma que os imigrantes sempre tiveram algum tipo de ajuda da mãe Alemanha, como por exemplo, através de regulamentações como o rescrito de Heydt.

Citando atos de “bravura” dos imigrantes alemães, o autor argumenta que a contribuição desta etnia para desenvolvimento do Brasil não deve ser esquecida. Toda geração tem a tarefa de preservar o patrimônio criado pelos pais com a mesma bravura. Salienta que com o passar dos anos os imigrantes alemães começaram a circular pelas colônias, estabelecendo relações econômicas e culturais entre si. Afirma que a imprensa “alemã-brasileira” foi de grande importância para o firmamento de uma ligação intelectual entre os colonos, assim como os laços da igreja, associações escolares, de ginástica e tiro.

Ammon diz que é de grande significado para os alemães-brasileiros, divulgar para todo o Brasil o que jornais nativistas e alguns deputados do congresso, pretendiam fazer com brasileiros com ascendência alemã. Ele afirma que esta corrente conservadora denominava estes brasileiros de estrangeiros. O autor afirma que os filhos de descendentes alemães nascidos no Brasil são, por direito, brasileiros, exatamente como os filhos de imigrantes portugueses, sendo que muitos destes chegaram depois dos imigrantes alemães. Argumenta que os imigrantes alemães que chegaram no Brasil há mais de 110 anos foram chamados pelo governo brasileiro e foram responsáveis por

52 Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien, 1936, n.61, p.29-32.

embelezar e desbravar algumas regiões do Brasil que eram desertos, mais que os velhos bandeirantes. Por todos os atos de coragem dos imigrantes alemães, os alemães-brasileiros (Deutschbrasilianer) possuem direito ao solo nativo brasileiro, assim como os descendentes portugueses tiveram. Dessa maneira, os alemães e seus descendentes merecem, como forma de expressar seu germanismo, um dia festivo em sua comemoração. O 25 de julho, dia que marca a chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil, deve ser comemorado não apenas nas colônias alemãs, mas por toda população brasileira. A partir de 1934, através da ação do general Flores da Cunha, esse dia passou a ser comemorado e ser considerado um feriado estadual, como já explicitado na edição anterior do anuário.

O autor segue seu texto afirmando que para a consolidação e conservação da nacionalidade alemã e como reconhecimento de todo o esforço dos alemães para o desenvolvimento do Brasil, os brasileiros devem comemorar o feriado do dia 25 Julho, em orgulho à imigração alemã, como qualquer outro feriado sagrado brasileiro. O autor afirma que seria um erro para o sentimento comum de pertencimento se os outros Estados brasileiros comemorassem em outra data o dia da imigração alemã, mesmo que o dia 25 de julho marque o início da imigração alemã apenas no estado do Rio Grande do Sul. Amonn argumenta que foi o sucesso dos imigrantes alemães que se dirigiram ao Rio Grande do Sul que motivou a vinda de mais imigrantes alemães para o Brasil.

O literato finaliza seu texto afirmando que em todas as colônias de imigração alemã, os falantes de alemão devem se organizar em comissões a fim de preparar programações especiais em comemoração ao 25 de julho. Ele faz um convite para que os representantes da imprensa nacional e para que líderes Luso-brasileiros participem das celebrações, para que possam alcançar, de maneira mútua e amigável um melhor relacionamento com os cidadãos luso-brasileiros. O autor afirma que as associações comunitárias devem batalhar para que esse feriado estadual se torne nacional.

As palavras de Ammon revelam muitos traços da identidade étnica dos alemães do sul do Brasil. Primeiramente, pode-se ratificar o pressuposto de Seyferth de que está identidade é uma construção cultural, a qual foi propagada através das diferentes associações criadas pela comunidade alemã, escolas e igrejas. É preciso ter em mente, contudo, que estas instituições comunitárias surgiram com o intuito de suprir a omissão do poder público para com os imigrantes, porém, mais tarde, foram responsáveis por assegurar a etnicidade dos colonos. Unidos pela memória de um passado em comum, os imigrantes alemães e seus descendentes, selecionaram entre as suas características individuais, características que fossem importantes para a construção de uma identidade de grupo étnico. O amor a Pátria Mãe, Alemanha, e as memórias coletivas de luta para se estabelecer e reconstruir uma nova vida nas então “terras desertas” brasileiras. Fica explícito na

escrita de Amonn, a tentativa de reafirmar a importância do trabalho dos imigrantes alemães para desenvolver e embelezar regiões desocupadas do Brasil, as quais eles chamam de desertos. Sobre a comparação com os bandeirantes, Seyferth afirma: “em algumas publicações, o pioneirismo dos colonos [...] é comparado ao papel dos bandeirantes paulistas no povoamento do interior do País. A imagem que emerge dessa comparação é a do colono pioneiro, com ampla capacidade de trabalho derivado de sua condição étnica[...]”⁵³

O autor reivindica também, aos Deutschbrasilianer (pessoas de descendências alemã nascidas no Brasil) os mesmos direitos que os filhos de portugueses possuem, argumentando que muitos dos imigrantes alemães chegaram ao Brasil antes dos portugueses. O autor faz uma crítica aos jornais descritos por ele como “nativistas”, que chamam os descendentes de alemães nascidos no Brasil de estrangeiros. Nesse sentido, Ammon parece deixar claro que os filhos de imigrantes alemães que nasceram no Brasil são, por direito, brasileiros, exatamente como os filhos de portugueses nascidos no Brasil.

A partir da escrita do autor, percebe-se que já no ano de 1936 a presença dos imigrantes alemães e seus descendentes já era questionada no Brasil por setores nacionalistas. Pode-se afirmar que a intencionalidade em reafirmar a importância da imigração alemã para o desenvolvimento do Brasil e da sociedade brasileira, deveria ser encarada pelos colonos alemães como uma maneira de oposição aos discursos de cunho nacionalistas que contestavam o modo de vida nas colônias alemãs. Nesse sentido, entende-se que os alemães buscaram criar um imaginário da imigração- o qual propagou a ideia de que a colonização alemã no Brasil foi responsável por transformar a selva brasileira, em lugares desenvolvidos e organizados.

d) 1937: Das Jahr 1936 und die “deutschen Kolonien” (O ano de 1936 e as colônias alemãs)

Este texto histórico da edição de 1937⁵⁴, diz respeito a proposta de alguns deputados nacionalistas brasileiros, que neste ano, tentaram criar novas leis que regulamentariam questões relacionadas à imigração e iriam impor restrições aos colonos. É preciso ter em mente que o *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* tinha edição anual, nesse sentido, a maior parte de suas publicações faziam referência aos acontecimentos do ano anterior de sua edição.

Moog, um grande ensaísta teuto-brasileiro, inicia sua escrita afirmando que o ano de 1936

53 SEYFERTH, Giralda. **A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica**. In: MAUCH, Claudia; VASCONCELOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. 1. ed. Canoas: Ulbra, 1994, p.19.

54 Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien, 1937, n.63, p. 29-32.

foi considerado, no geral, um bom ano para as colônias alemãs. O autor argumenta que nesse período, revelou-se através da opinião pública, um sentimento positivo em relação à presença alemã no Brasil. Ele contextualiza esse sentimento de “afeição” aos alemães com um acontecimento de 1936, quando alguns políticos propuseram uma mudança nas leis que regravam a imigração estrangeira no Brasil. As novas regras, seriam as seguintes: 1. Nos lugares de colonização e nos pequenos e grandes centros agrários, as crianças menores de 12 anos devem aprender português, 2: as publicações de livros e revistas que foram escritas em idiomas estrangeiros deveriam ser proibidos. Moog afirma que esse projeto de lei é um exemplo claro de xenofobia, definida por ele como um sentimento de repulsa aos estrangeiros. Ele argumenta que esse projeto foi criticado não apenas pelos círculos sociais e industriais alemães, mas também pela comunidade cultural brasileira.

Assim como Ammon, Moog fala do valor da imigração alemã, e também italiana para o Brasil. Ele afirma que há muitos valores das colônias estrangeiras enraizados no país. Ele afirma que a imigração gerou impactos positivos para o desenvolvimento do Brasil e da sociedade brasileira. Nesse sentido, o ensaísta afirma que as colônias alemãs deram para o Brasil o exemplo da democracia e da ordem pública. Em seguida, o autor faz afirma que os imigrantes alemães conseguiram se integrar a nova Pátria, contudo, o autor argumenta que manter a sua língua mãe e suas próprias tradições é fundamental para os imigrantes alemães.

Sobre o ensino da língua portuguesa nas regiões de colonização, Moog afirma que este nunca foi visto pelos imigrantes e seus descendentes como uma desvantagem, nem nunca seria visto. Ele diz que o número de colonos que não achava importante falar português diminui a cada geração, ou seja, o português ganha cada vez mais espaço nas colônias alemãs. A respeito da proibição da publicação de livros em revistas em língua estrangeira, Moog afirma que eles, os colonos, não conseguem compreender o porquê de tal proibição.

O autor finaliza seu texto mostrando sua satisfação por esse projeto que visava impor restrições aos imigrantes e seus descendentes não ter sido aprovado e também pelo apoio que as colônias alemãs receberam de alguns setores da sociedade brasileira. Nesse sentido, Moog afirma que o ano de 1936 foi muito importante para as colônias alemãs no Brasil. É possível afirmar que para legitimar a sua identidade, os imigrantes alemães e seus descendentes, buscaram sempre argumentos que ratificassem a ideia de que a vinda de pessoas dessa etnia foi muito importante para o desenvolvimento do Brasil e da sociedade brasileira. São recorrentes também as escritas que falam a respeito da importância da língua alemã nas áreas de colonização.

Para Seyferth (1994), quando se fala em identidade étnica, o uso cotidiano da língua (nesse caso, a língua alemã) pode ser entendido como o elemento mais forte de distinção. Nesse sentido,

entende-se que foi através da singularidade da língua alemã que os alemães afirmaram sua etnicidade no Brasil. A autora (2002, p.22-23) defende que o bilinguismo, ou seja, a fluência em alemão e português, era evidente nos meios urbanos na década de 1930, período estudado neste trabalho. A língua portuguesa, entretanto, tinha uma função instrumental, pois nas relações sociais nas colônias, o alemão sempre foi a língua “oficial”. Nesse sentido, a antropóloga afirma que a *Muttersprache*, ou seja, a língua mãe (alemã) é de extrema importância para a preservação da germanidade. Dessa maneira, Seyferth conclui que a preservação da língua materna pelos imigrantes alemães e também pelos seus descendentes foram elementos fundamentais para a construção categórica da identidade étnica, na medida em que o idioma pode ser entendido como uma maneira de distinção no âmbito das relações sociais.

Essa publicação ratifica o pressuposto já defendido nesse trabalho, de que medidas ou tentativas de repressão e “combate” a identidade étnica dos imigrantes alemães, e principalmente, de seus descendentes, foi organizada por setores nacionalistas mesmo antes da Campanha de Nacionalização, onde as ações contra os quistos étnicos foram legitimadas pelo Estado autoritário de Vargas. Percebe-se também, que apesar de reafirmar a importância da língua alemã para a preservação da tradição alemã entre os colonos, o autor afirma que as colônias alemãs não se opunham ao ensino do português.

e) 1938: Weltrundschau (Uma volta ao mundo)

Na edição de 1938⁵⁵, de autoria não identificada- mas provavelmente de responsabilidade do editor do anuário, R. Krahe, o objetivo do texto histórico é fazer uma análise da situação política do Brasil. O autor expressa sua preocupação com o desenvolvimento da política brasileira, a qual segundo ele, toma caminhos similares ao da Europa. Afirma que o tensionamento político ocorre entre a esquerda- através do comunismo, e do fascismo- que representa a ala direita do espectro político "em cena" no Brasil, o que vem gerando problemas e embates. Esse conflito, segundo o autor, foi reforçado pelas eleições presidenciais que se aproximavam, provocando até algumas mortes no Brasil. Em relação aos candidatos, argumenta que havia muitas incertezas, isso porque um candidato claramente fascista enfrentava dois moderados. Ele afirma que a campanha eleitoral levou a confrontos sangrentos com fatalidades, provocando muitas mortes no Brasil. Essa situação conduziu para o agravamento da situação geral no país.

Sobre a situação econômica brasileira, afirma que o Brasil vivia um momento relativamente estável. O autor finaliza sua escrita expressando sua felicidade pelo refortalecimento do “Império”

55 Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien, 1938, e.64, p.133-135.

alemão e também pelas boas relações econômicas entre o Brasil e a Alemanha, argumentando que essa boa relação entre Brasil e Alemanha poderia trazer muitas alegrias aos alemães-brasileiros. O autor afirma que esse estreitamento nas relações econômicas entre os dois países, poderia proporcionar efeitos positivos para a comunidade alemã.

Entende-se que o autor faz uma referência às eleições de 1938, as quais deveriam acontecer em janeiro. A campanha eleitoral de 1937 foi marcada por um tensionamento político muito grande, as eleições, contudo, não aconteceram. Em novembro de 1937, Vargas forjou um documento que apontava para uma tentativa de golpe comunista no Brasil. Explorando o sentimento anticomunista já construído por ele desde que chegou ao poder, Vargas cancelou as eleições que aconteceriam no ano seguinte e decretou o Estado Novo, fechando o Congresso Nacional e outorgando uma nova Constituição que dava amplos poderes ao presidente, ficando este responsável pelos três poderes (executivo, legislativo e judiciário). Em dezembro do mesmo ano, Vargas assinou um decreto o qual exigia o fechamento de todos os partidos políticos.

O Estado Novo de Getúlio Vargas foi muito comparado ao Reich de Hitler, duas ditaduras pautadas no autoritarismo e no totalitarismo. O autor do texto, todavia, busca associar a orientação política do governo de Vargas apenas ao fascismo. Durante esse período, como afirma o autor do texto, Vargas estabeleceu uma série de acordos econômicos com a Alemanha. A relação entre as duas Pátrias era vista com bons olhos pelos alemães no Brasil: para os colonos, o bom relacionamento com a Alemanha poderia trazer uma série de benefícios a eles.

A edição de 1938 não faz nenhuma menção à Campanha de Nacionalização de Vargas, todavia, percebe-se que a estrutura desta edição se diferencia das demais analisadas: não há, como nas edições anteriores, textos que falem da situação dos alemães no sul Brasil. As últimas páginas, as quais estavam presentes desde as primeiras edições do anuário, que traziam uma lista de associações, igrejas e escolas alemãs foram extintas. Manteve-se apenas as listas que indicavam apenas os consulados alemães no Brasil. Percebe-se também que nas edições anteriores do anuário, os editores teciam críticas pessoais a Vargas e, a partir da edição de 1938, passaram a fazer uma crítica apenas a “situação política” do país. É provável que as mudanças observadas nesta edição estejam relacionadas a um “temor” dos editores do anuário em relação à censura, ainda que esta ainda não houvesse se manifestado de maneira tão significativa como a partir de 1939.

Através da análise das seções históricas das edições de 1934 a 1938 do anuário *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien*, conclui-se: 1) O termo *Deutschbrasilianer* ou *Deutschbrasilianertum* é usado com bastante recorrência nessa publicação. Como já dito anteriormente, ele designa um sentimento de duplo pertencimento dos descendentes de alemães. Todavia, é preciso ter em mente que a maior parte dos textos expostos no anuário são de autoria de

ensaístas e intelectuais. Dessa maneira, é importante salientar que esse conceito era utilizado apenas por uma parcela da comunidade alemã; 2) Percebe-se que a construção da identidade alemã está, como já bem analisou Seyferth, muito atrelada a maneira como se deu o processo de imigração dos alemães para o Brasil. Os textos reforçam a ideia de que os imigrantes passaram por muitas dificuldades ao chegar ao Brasil, afirmando que encontraram um lugar deserto e abandonado, contudo, através de suas ações e esforços, conseguiram desenvolver as terras que ocuparam. Nesse sentido, percebe-se que os alemães anseiam um reconhecimento por parte dos brasileiros de como a imigração alemã foi positiva para o Brasil, uma vez em que reforçam em diferentes momentos como a presença desta etnia foi importante para o desenvolvimento do Brasil e da sociedade brasileira; 3) Em todas as edições analisadas há menção a comemoração do dia do colono, feriado criado para homenagear os imigrantes e seus descendentes que vivem no Brasil. A criação do feriado é entendida pelos alemães como uma homenagem do poder público pela contribuição dos imigrantes no processo de desenvolvimento do país; 4) Os autores evidenciam como a preservação da língua mãe é importante para que se mantenha a tradição alemã nas colônias de imigração, contudo, buscam sempre esclarecer que não se opõem ao ensino do português. Argumentam que a resistência à língua da nova Pátria (Brasil) é cada vez menor entre os colonos; 5) Apesar das ações de repressão aos alemães terem sido colocadas em prática, efetivamente, a partir de 1939, nas edições analisadas, que são um pouco anteriores a esse período, percebe-se que já havia crítica por parte de alguns setores nacionalistas aos imigrantes e descendentes de alemães no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como intenção analisar como a identidade étnica dos imigrantes alemães e seus descendentes foi representada em determinadas edições de uma fonte de imprensa em língua alemã no período entre 1934 a 1938. A imprensa foi compreendida como um lugar importante no que tange à construção e a divulgação da identidade e ideologia étnica dos colonos alemães do sul do Brasil. Ratifica-se aqui o pressuposto de que aquilo que está representado, ou aquilo que está omitido, está imbuído de intencionalidades e reflete os interesses de um grupo específico. No caso do anuário analisado nesse trabalho, os textos foram escritos essencialmente por descendentes de alemães que buscaram afirmar a importância da imigração alemã para o desenvolvimento do Brasil e da sociedade brasileira. Reforçavam a ideia de que os imigrantes tiveram que desbravar um Brasil desconhecido e deserto e que encontraram muitas dificuldades no momento de sua chegada. Essa maneira de representar o colono alemão como um trabalhador vencedor pode ser entendida como uma maneira encontrada pela imprensa alemã de valorizar e provocar nos descendentes de alemães um desejo de preservar e valorizar as distinções étnicas do grupo. Percebe-se também que os autores escreveram não apenas para os imigrantes alemães e seus descendentes, mas em nome deles.

É possível afirmar que a criação de um feriado estadual em homenagem aos colonos, apesar de ser estendido a todos os imigrantes e seus descendentes no Rio Grande do Sul, foi apropriado pelos alemães como “Nosso Dia” (Unserer Tag) - provavelmente pelo fato da institucionalização do feriado ser resultado da reivindicação e mobilização de entidades alemãs. O feriado foi interpretado por estes como uma homenagem do poder público do estado em reconhecimento aos “atos de bravura” dos imigrantes alemães, os quais foram fundamentais para o “embelezamento” do Rio Grande do Sul. Apesar do feriado ter sido decretado por Flores da Cunha, então interventor da Província, ele foi aprovado por uma Comissão do Legislativo. Nesse sentido, é possível afirmar que

as entidades alemães que se mobilizaram para a decretação do dia 25 de Julho como feriado em homenagem aos colonos possuíam certo poder de “barganha” junto do poder público estadual no período analisado.

As edições analisadas estão inseridas em um momento da história brasileira onde questões ligadas à etnia e identidade foram muito debatidas e o que não se adequava ao ideal de nação concebido pelo Estado Novo foi contestado e reprimido. Desde meados do século XX, a presença alemã no sul do Brasil passou a ser questionada por setores nacionalistas que criticavam a maneira como o Império conduziu o processo de colonização desta etnia. Argumentava-se que os imigrantes alemães e seus descendentes se isolavam nas colônias através de suas organizações comunitárias, como por exemplo, associações de ajuda, escolas étnicas e igrejas. Essa ideia de isolamento e esquistamento étnico, todavia, deve ser relativizada. Primeiramente, os imigrantes alemães foram direcionadas para regiões mais afastadas e foram assentados em terras devolutas com o objetivo de desenvolver a agricultura no país. A colonização dos alemães no sul do Brasil foi marcada por desorganização e omissão do poder público brasileiro, o qual não cumpriu com acordos preestabelecidos no processo de vinda destes imigrantes. A não assistência do governo brasileiro fez com que surgisse nas colônias uma organização comunitária bastante sólida. Nesse sentido, entende-se que em um primeiro momento estes espaços comunitários não foram criados com a intenção de preservar a etnicidade dos alemães e sim de suprir necessidades não atendidas pelo governo, contudo, acabaram sendo os responsáveis por criar as fronteiras étnicas entre os imigrantes alemães e seus descendentes e a sociedade brasileira.

Nas escritas do *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* a expressão Deutschbrasilianer (brasileiro-alemão) é muito recorrente. Ela designa um sentimento de duplo pertencimento por parte dos descendentes de alemães. Esse grupo enxerga tanto no Brasil como na Alemanha a sua Pátria: a origem étnica era alemã, devido ao sangue, a nacionalidade e a cidadania, todavia, eram brasileiras. Essa proposta de pluralismo étnico cultural, porém, ia de encontro as políticas do Estado varguista, que pretendia massificar uma visão homogênea de identidade nacional brasileira. Não foram, contudo, apenas os alemães que sofreram com as ações repressivas do Estado brasileiro na década de 1930, mas entende-se que os descendentes desta etnia foram vistos como os mais ameaçadores da identidade nacional.

A Campanha de Nacionalização institucionalizou as ações repressivas da ditadura de Getúlio Vargas a partir de 1938. No entanto, foi a partir de 1939 que ela se radicalizou: o governo brasileiro proibiu que se falasse língua estrangeira em público bem como a edição de jornais e revistas que não fossem em português. O anuário analisado nesse trabalho encerrou suas atividades nesse período. Todavia, analisando as edições do *Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien* pode-se

afirmar que algumas medidas de retaliação aos colonos alemães vinham sendo realizadas desde a metade da década de 1930 e se tornaram mais significativa em 1938, com a nacionalização do ensino. Percebe-se que a edição de 1938, a qual já estava inserida no contexto da Campanha de Nacionalização, apresenta algumas mudanças. É provável que os editores do anuário já tivessem nesse período um certo receio em relação à censura as publicações em língua estrangeira. No anuário, a língua alemã aparece como o mecanismo responsável por preservar entre os colonos as tradições alemãs e também o contato com a Pátria Mãe. No entanto, os autores afirmam que são favoráveis ao ensino da língua portuguesa e argumentam que o ensino desta nas colônias alemãs encontra cada vez menos resistência.

Dessa maneira, o presente trabalho buscou contribuir com os estudos relacionados à identidade étnica alemã, compreendendo está enquanto uma construção cultural que está relacionada ao processo de colonização. Buscou-se também mostrar a importância dos anuários para pesquisas sobre essa temática, entendendo essa fonte da imprensa enquanto a mais importante entre as colônias alemãs desde meados do século XIX até 1939, momento em que a publicações em língua estrangeiras foram proibidas no Brasil.

REFERÊNCIAS

KOSERITZ DEUTSCHER VOLKSKALENDER FÜR BRASILIEN. Porto Alegre: Walter Kühn, Kraehe & Cia (1934-1938).

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BONOW, Imgart G. **Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830-1890).** História Unisinos, 11 (1): 123 – 133, Janeiro/Abril 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas – O que falar quer dizer.** São Paulo: Edusp, 2008

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011, 134p. Tradução de Guilherme João Teixeira, com a colaboração de Jaime Clasen, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa e história do Brasil.** São Paulo: Contexto, 1988.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Estado Novo, o DOPS e a ideologia de segurança nacional.** In: PANDOLFI, Dulce (Org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CUNHA, Jorge Luis; Gärtner, Angélica (Orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: história, linguagem, educação.** 1. ed. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. **A Imprensa em Porto Alegre de 1845 – 1870.** Porto Alegre: Sulina – Ari, 1987.

DUTRA, Eliana. **O Ardil Totalitário: Imaginário Político no Brasil nos anos 30.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Belo Horizonte: Editora UFRMG, 2007.

GERALDO, Endrica. **O "perigo alienígena": política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**. Campinas: UNIMCAP, f. 241. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UNICAMP, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000420746&fd=y>> Acesso em: 05/11/2015.

_____. **O Combate contra os “quistos étnicos”: identidade, assimilação e política imigratória no Estado Novo**. Lucus: Revista de História de Juíz de Fora, v.15, n.1, p.171-189, 2009, p. 186. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/337.pdf>> Acesso em: 05/11/2015.

GERTZ, René. **O perigo alemão**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

_____. **Dilemas para escrever uma história da imigração e da colonização alemãs**. In: MUGGE, Miquéias Henrique; MUGGE, Erny; HAUSENSTEIN, Iria (Orgs.). **Construindo diálogos. História, educação e ecumenismo**. São Leopoldo: Oikos, 2010, p.247-264.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson; GERTZ, René (Orgs.). **República: da revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007, v.4 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

KOCH, Walter. **O Brasil, sua terra e sua gente nos contos de Koseritz Deutscher Volkskalender fuer die Provinz von Rio Grande do Sul (1870-1890)**. In: Colóquio de estudos teuto brasileiros. Porto Alegre, 1963.

KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial-magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: UFRGS; Caxias do Sul: EDUCS; Florianópolis: UFSC, 1991.

KÜHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

MAUCH, Claudia; VASCONCELOS, Naira (Orgs.). **Os alemães no Sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. 1. ed. Canoas: Ulbra, 1994.

NEUMANN, Rosane Márcia. **Imigração e Identidade étnica: a construção do “ser alemão” no sul do Brasil**. História: Debate e tendências, v.14, n.1, jan-jun. 2014, p.94-107. Disponível em:

<<http://www.upf.br/seer/index.php/rhdt/article/view/4168>> Acesso em: 20/06/2015.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Ed. UNESP, 1998.

PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. **Os anos 30: as incertezas do regime**. Anpuh, XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa, 2003. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.182.pdf>>. Acesso em: 05/09/2015.

RAMBO, Arthur Blásio. **Alemanha e seus emigrantes: questões nacionais**. In: CUNHA, Jorge Luiz de & Gärtner, Angelika (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem e Educação**- Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio. (Orgs.) **A história da imigração sua (s) escrita (s)** [ebook] São Leopoldo: Oikos, 2012.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1968, v.1.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: FCC, Ed., 1982.

_____. **Nacionalismo e Identidade Étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

_____. **A Assimilação dos Imigrantes como Questão Nacional**. *Mana*, v.3,n.1, p.95-131, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2457.pdf>>. Acesso em: 20/06/2015.

_____. **Os imigrantes alemães e a campanha de nacionalização do Estado Novo**. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999,p.199-228.

_____. **Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania – A Imigração alemã e o Estado brasileiro**, Anpocs, 2008. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_08.htm>. Acesso em:

20/06/2015.

_____. **Estudo sobre reelaboração e segmentação da identidade étnica.** Cadernos Ceru, série 2, n.13, 2002, p.9-36.

WEBER, Roswitha. **As comemorações da imigração no Rio Grande do Sul: o 25 de Julho, uma data e muitas histórias.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, vol. 5, n. 10, Dezembro de 2013.

WERLE, Bibiana. **A campanha de nacionalização em Estrela - RS: impactos e memórias .** Porto Alegre: UFRGS, 2011. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UFRGS, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36945/000818626.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20/06/2015.

_____. **A representação da campanha de nacionalização em Estrela – RS.** ANPUH – RS - XII Encontro Estadual de História: história, memória e patrimônio, 2012.

_____. **A campanha de nacionalização e sua memória no alto do Taquari – RS.** Porto Alegre: UFRGS, 178 f. 2014. Dissertação de mestrado. UFRGS. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88346/000911722.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20/06/2015.

WEIZENMANN, Tiago. **O almanaque Koseritz Deutscher Volkskalender no contexto da imprensa do século XIX (1874 – 1890).** In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz, ARENDT, Isabel Cristina, Witt, Marcos Antônio. **A história da imigração e sua (s) escrita (s).** São Leopoldo: Oikos, 2012.